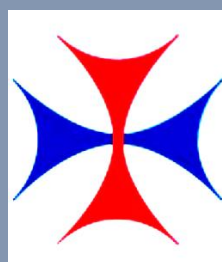
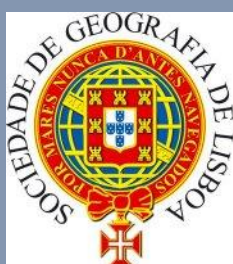


Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), Secção A Ordem de Cristo e a Expansão
em co-organização com:

Centro de História de Aquém e de Além-Mar (CHAM) / Universidade Nova e
Universidade dos Açores; Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) / Universidade
Católica Portuguesa; Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da
Universidade de Évora (CIDEHUS) / Universidade de Évora; Centro de Estudos em
Ciências das Religiões (CECR) / Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias



**CONGRESSO INTERNACIONAL
OS TRINITÁRIOS E OS MERCEDÁRIOS NO MUNDO
LUSO-HISPÂNICO
*HISTÓRIA, ARTE E PATRIMÓNIO***

Lisboa, 20 a 23 de Julho de 2016

Resumos das Comunicações

Coordenação

Fernando Larcher, Maria Madalena Oudinot Larcher e Edite Alberto

LISBOA

2016

Comissão Organizadora

Prof.Doutores Fernando Larcher, Maria Madalena Oudinot Larcher e Edite Alberto

Conselho Científico

Prof.Doutor Luís Aires de Barros (Presidente)
Prof.Doutor Fr.António-José de Almeida, OP
Prof.Doutor Augusto Pereira Brandão
Prof.Doutora Edite Alberto
Prof.Doutora Fernanda Guedes de Campos
Prof.Doutora Fernanda Olival
Prof.Doutor Fernando Larcher
Prof.Doutora Filomena Andrade
Prof.Doutor Hugues Didier
Mestre P.e Manuel Pereira Gonçalves, OFM
Prof.Doutora Margarida Sá Nogueira Lalande
Prof.Doutora Maria Madalena Pessôa Jorge Oudinot Larcher
Prof.Doutora Sandra Costa Saldanha

COMUNICAÇÕES E CONFERÊNCIAS

A QUINTA DA TRINDADE NO SEIXAL NO CONTEXTO DOS LEGADOS DOS ALMIRANTES DE PORTUGAL AO MOSTEIRO DA SANTÍSSIMA TRINDADE DE LISBOA

ANA CLÁUDIA SILVEIRA

Lic.Hist. [FCSH/NOVA] Pos-graduada Hist.Med [FCSH/ NOVA]; Doutoranda [FCSH/NOVA]; IEM / NOVA; Técn.Sup.de História – Divis.de Cultura e Património / Ecomuseu Municipal – Seixal.

Os interesses do Mosteiro da Trindade de Lisboa no território que atualmente corresponde ao concelho do Seixal remontam, pelo menos, a meados do século XIV e inscrevem-se no âmbito das relações tecidas com os almirantes de Portugal ou seus servidores.

A Quinta da Trindade subsiste como testemunho dessa ancestral relação, constituindo hoje um dos elementos patrimoniais mais relevantes entre os subsistentes no concelho do Seixal. As referências à existência de construções no local que corresponde a este imóvel remontam pelo menos a 1468, época em que D. Brites Pereira, filha do almirante Carlos Manuel Pessanha e viúva do almirante Rui de Melo, adquiriu propriedades no Cabo da Azinheira. Aquando da sua morte, em 1483, a propriedade foi deixada em testamento ao Mosteiro da Ordem da Santíssima Trindade, consagrada ao resgate de cativos.

Na sequência da extinção das ordens monásticas masculinas, ocorrida em Portugal em 1834, a Quinta da Trindade foi integrada na Fazenda Nacional e vendida em hasta pública ao conselheiro Joaquim Inácio de Lima. Desde então, conheceu diversos proprietários, entre os quais se contam Francisco Azevedo e Sá, presidente da Câmara Municipal do Seixal em 1881, o Conde de Farrobo, Jean Henri Burnay, Manuel Francisco Gomes Júnior e Manuel Martins Gomes Júnior.

A residência da Quinta da Trindade tal como hoje a conhecemos resulta de uma intervenção realizada na última década do século XIX, promovida por Jean Henri Burnay, médico belga que fixou residência em Portugal, segundo projeto do arquiteto Jules Brunfaut, também de nacionalidade belga. No edifício, conjugaram-se as construções já existentes, das quais subsistem cantarias de portas e janelas e uma escadaria monumental, com outros elementos arquitetónicos provavelmente provenientes de demolições de edifícios de várias épocas, nomeadamente alguns lambris de azulejos.

Pretende-se com a presente comunicação apresentar os resultados da investigação desenvolvida nos últimos anos, adotando uma perspectiva diacrónica em que se realça a ligação da propriedade ao património dos Almirantes de Portugal e se apresentam documentos escritos inéditos relativos à gestão deste imóvel.

**O CONVENTO DA SANTÍSSIMA TRINDADE DE LISBOA
RECONSTRUÇÕES DIGITAIS: PRÉ-TERRAMOTO, EXTINÇÃO (1834) E
ACTUALIDADE (2015)**

ANA CRISTINA C.GIL

Arquiteta; Mestre em Arq. [IST]; Bols. FCT de Doutoramento em Arq. [IST]; CERIS [IST/UL]

As casas religiosas de Lisboa representam um vasto património arquitectónico que marcou e ainda marca a imagem da cidade. A inexistente percepção global da importância deste património torna necessário o seu estudo e consequente divulgação para que possam ser tomadas decisões de salvaguarda conscientes, tendo em conta as suas necessidades actuais: sociais, culturais e turísticas. Neste contexto, surgiu o projecto de investigação LxConventos (PTDC/CPC HAT/4703/2012) com o principal objectivo de estudar, de forma sistemática e integrada, o impacto da extinção das ordens religiosas no desenvolvimento, funções e imagem da cidade de Lisboa.

Um dos resultados finais do projecto centrou-se na elaboração de recriações virtuais de alguns dos conventos de Lisboa. Estas recriações tiveram por base a Carta de Londres e os Princípios de Sevilha, de forma a assegurar o rigor intelectual e técnico, assim como, a solidez metodológica do trabalho de visualização computadorizada. Deste modo, foi desenvolvida uma metodologia cíclica baseada na criação de modelos digitais com geometria associativa e paramétrica – modelos BIM –, que pretende abarcar as vertentes de estudo, conservação e divulgação deste património arquitectónico.

Com a presente comunicação pretende-se dar a conhecer a reconstrução do convento da Santíssima Trindade de Lisboa de forma detalhada, apresentando as decisões tomadas, a documentação utilizada e as dúvidas que persistem. A escolha do convento prende-se pelo facto deste se apresentar como o exemplar mais rico e mais complexo, exibindo elevada informação tanto a nível físico como documental. O que possibilitou a reprodução pré-terramoto (embora com baixo nível de detalhe), para além das representações à data da extinção (1834) e à data actual (2015).

OS LIVROS DOS TRINITÁRIOS IMPRESSOS EM PORTUGAL NO SÉCULO XVI E A SUA ICONOGRAFIA

FR. ANTÓNIO-JOSÉ DE ALMEIDA, OP

Doutor [Univ.Porto], Pos-doutorando [Univ.Porto]

A Ordem da Santíssima Trindade, no século XVI, mandará imprimir em Lisboa três livros, em duas oficinas diferentes: Assim, dos prelos de António Ribeiro, sairá, em 1587, o *Svmario das graças e induvlgencias concedidas pellos Summos Pontífices, aos Religiosos da Ordem da sanctissima Trindade de redenção de catiuos, & aos irmãos, ou os que trouxerem o bentinho da dita ordem* (D. Manuel 194) [Ans.RevAum*976 A]. Dos prelos de Manuel de Lira, sairão, em 1591: *Institvtio sive Fvndatio Ordinis Sanctissimae ac Individvae Trinitatis, & Redemptio Captiuorum* (Anselmo 755; Simões 535); e *Constitvtiones Fratrvn Ordinis Sanctissimae Trinitatis, & Redemptionis captiuorum Prouinciae Portugalliae* (Anselmo 756[1]; Gusmão 291; Simões 533). Nas folhas de rosto destes livros foram estampadas duas xilogravuras representando a Santíssima Trindade: uma na oficina de António Ribeiro – uma *Trindade antropomórfica*; e outra na de Manuel de Lira – um *Trono de Graça*.

Será destes dois tipos de representação iconográfica que falarei nesta comunicação, debruçando-me sobre as origens de cada um deles, e dos exemplares que encontrei nas minhas pesquisas, particularmente em Portugal e no ultramar atingido pelos portugueses.

JOSÉ LOPES FERREIRA DA ROCHA E AS SUAS MEMÓRIAS DO CATIVEIRO DE ARGEL

ANTÓNIO MANUEL CLEMENTE LÁZARO

Mestre em Hist.dos Descobr. e da Exp.Port. [FCSH/NOVA];
Doutor em Hist. [ICS/UM]; Prof.Aux.[Dep.Hist do Inst.de
C.Sociais da UM]; CHAM – FCSH/NOVA e Uac; SGL

José Lopes Ferreira da Rocha, filho de Alexandre Ferreira da Rocha e de Benta Maria de Jesus, nasceu em São Salvador da Baía, provavelmente em 1726. Alguns anos mais tarde, como tantos outros seus conterrâneos, viajou para Portugal, fixando-se em Coimbra, tendo em vista frequentar a Universidade, o que fez entre 1744 e 1746. Nesse último ano, já bacharel em Canônes, encontramo-lo em Braga, onde irá permanecer até 1749. Então, tendo reunido algum pecúlio, almejou regressar à sua terra natal, para onde se dirigiu a bordo do navio *Nossa Senhora da Abadia e Santiago*. Como regista o *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, não tendo o aludido navio chegado a tempo de se reunir à frota do Brasil, empreendendo a dita viagem sózinho, foi atacado e capturado

por corsários de Argel, nas imediações do arquipélago das Canárias. Na sequência desse funesto episódio, em Argel, José Lopes Ferreira da Rocha irá viver um cativeiro que se prolongou por quatro anos e quatro meses, ou seja, até 1754, ano em que foi resgatado pelos religiosos da Ordem da Santíssima Trindade para a Redenção dos Cativos. Uma vez de regresso a Portugal, fixou-se de novo em Braga, onde dedicou algum do seu tempo a escrever as memórias da sua dramática experiência. Estas memórias, sob a forma de uma epístola, nas quais se incluem algumas alusões à sua experiência, uma interessante descrição de Argel e alguns desenhos lavrados pelo autor, encontram-se no Arquivo Distrital de Braga e permaneceram, até hoje, inéditas.

A comunicação propõe-se dar a conhecer as memórias que José Lopes Ferreira da Rocha nos deixou da sua experiência de cativeiro em Argel, entre 1749 e 1754, analisar as mesmas à luz de outros testemunhos da época e, finalmente, seguir o percurso biográfico do autor.

D. ANTÓNIO MASCARENHAS, COMISSÁRIO DA BULA DA CRUZADA E A LIBERTAÇÃO DOS CATIVOS, SÉCULO XVII

AUGUSTO MOUTINHO BORGES

Doutor, CLEPUL, Cátedra Inf.D.Henrique-
UAberta, APH, SGL

Na transição entre o alicerçar político e o fervor religioso desenvolvido pelas Cruzadas do Oriente e do Ocidente, a geoestratégia económica preconizada pelos portugueses, ao longo dos séculos, voltou-se para a ocupação territorial no Espaço Atlântico, África, Oriente e Brasil.

Surge, neste contexto, a Bula da Cruzada, que tinha como objetivo principal libertar os cativos, aprisionados e escravizados em territórios hostis além-mar, tendo nos alvares do século XVII, como seu Comissário-geral, o Deão D. António Mascarenhas, pertencente a uma das famílias mais influentes em Portugal durante os séculos XVI, XVII e seguintes.

O Deão tinha uma personalidade muito avançada para o seu tempo, pois desenvolveu projetos caritativos e de apoio aos cativos, em especial, e para a população, em geral, fundando em Lisboa, integrado no espírito assistencial devotado aos que regressavam ao reino após períodos de ausência pelo Império, um Convento-hospital.

Todo este propósito tinha uma lógica de libertar, tratar e cuidar, tal como iremos analisar no tema que apresentamos, procurando refletir alguns aspetos sociais da obra que o Comissário-geral da Bula da Cruzada lançou em Portugal, na linha caritativa assistencial iniciada pelos Trinitários.

CONFRARIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE DE VILA VIÇOSA: NOTAS PARA A SUA HISTÓRIA

CARLOS CAMPINO FILIPE

Mestre em Hist.Mod.e Contemp. [ISCTE-IUL];
CECHAP

A presente comunicação tem como objectivo dar a conhecer um estudo sobre a história da Confraria da Santíssima Trindade de Vila Viçosa (1746-2002). Esta confraria, fundada na Idade Moderna, ficou instalada na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (Santuário da Padroeira de Portugal), lá permanecendo até aos actuais dias.

Dividimos o nosso trabalho em quatro capítulos: o primeiro, contextualizando o movimento confraternal no século XVIII existente na cidade; o segundo, sobre a fundação da Irmandade da Santíssima Trindade de Vila Viçosa; o terceiro sobre a organização estatutária, governo, funcionamento e assistência espiritual que esta confraria oferecia aos seus irmãos; o último sobre a construção da capela privativa.

Entre as várias confrarias actualmente existentes na vila calipolense, destacamos pelo seu interesse histórico esta confraria, que tem a sua capela edificada, desde a segunda metade do século XVIII, do lado do Evangelho, antecedendo a Capela do Santíssimo.

Para melhor compreendermos a sua história, e não sendo clara a data da sua fundação, reunimos algumas fontes documentais, que testemunham vários elementos da sua existência.

Na descrição do livro de registo de Irmandade, constam os nomes dos confrades fundadores: «Este Livro he p^a se acentarem os Confrades da SSantissima Trindade, e principiou no primeiro de jan.ro no anno de 1746. Seja p.a honra e gloria de Deos, e salvassão das almas Amem»¹.

Uma outra data encontrámos na fachada principal da Igreja Matriz, numa placa marmórea, contendo um memorial epigrafado, com as indulgências concedidas a todos os seus confrades. Inicia com a seguinte descrição: «Os confrades da Santissima Trindade, tem nodia, q. se asentão indvlgencia plenária [...]». Termina a descrição: «Eqvalqvr alma q estiver nopvtgatorio mandando-lhe escrever o sev nome nolivro daconfraria edando sva esmola, pormodo desvfragio, atira dasditas penas. Anno de 1747»².

¹ AH-PNSCVV – Comunidade – Registo de Confrades (livro misto) – CSTVV//B/001/Lv. 001 – 1746-1888.

² Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

Na cópia dos seus estatutos encontrámos a data do primeiro compromisso: «Compromisso Trinitario Cito na Matris de Nossa s.r.^a da Conceição de v.^a viçofa no anno de 1753»³.

O compromisso recebeu a provisão do Arcebispo Metropolitano de Évora, D. Freire Miguel de Távora, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho: «... e de comum acordo com nossa autoridade Ordinária erigir, e levantar de novo a Irmandade ou Confraria [...] com a invocação de Santíssima Trindade – 7 de janeiro de 1754»⁴.

Tal como as demais irmandades, passou esta por graves problemas socioeconómicos, alguns em consequência das políticas liberais, assumidas durante o século XIX. A República, igualmente lhe trouxe algumas dificuldades, mas foi na década de 50 do século passado que a Mesa Administrativa se viu obrigada a suspender a actividade, pelo reduzido número de confrades ou pela falta de admissão de novos.

A Confraria da Santíssima Trindade de Vila Viçosa foi reabilitada em 2002 e tem vindo a desenvolver-se nos últimos anos, contando actualmente com mais de cinquenta Irmãos inscritos, mantendo uma cooperação com as paróquias do concelho.

A esta Confraria está confiada, actualmente, a missão de preparar em cada ano as festividades pascais, o dia da Santíssima Trindade e colaborar com a Régia Confraria e a Confraria dos Escravos de Nossa Senhora da Conceição na organização da festividade do dia da Padroeira de Portugal, 8 de Dezembro.

A cultura não fica esquecida e, anualmente, a Confraria da Santíssima Trindade promove concertos de música sacra, exposições e a partilha de experiências de fraternidade com outras comunidades trinitárias.

A DESCALCEZ TRINITÁRIA NA DIOCESE DE BRAGANÇA-MIRANDA

CARLOS PRADA DE OLIVEIRA

Lic.Hist [UAL]; Mestre Hist das Populações [UM]; Prof. Hist.e Geografia de Portugal no Ens.Básico e Sec.; Director da Ver. ILGVSELO

Neste trabalho pretendemos analisar a presença da Ordem da Trindade, ramo dos descalços, na Diocese de Bragança-Miranda.

A descalcez trinitária foi instituída em 1579, com o breve *Ad militantes Ecclesiae* regímen de Clemente VIII. Fundada em Espanha e apesar da intenção do santo reformador manteve-se confinada a este reino, até que já na primeira metade do

³ AH-PNSCVV – Constituição e Regulamentação. Estatutos – CSTVV/A/001/Mç 001 – 1753.

⁴ ADE-Câmara Eclesiástica de Évora, caixa 10, doc. 1.

século XVIII, atravessando a fronteira os Trinitários descalços fundam quatro casas em Portugal: uma em Lisboa e três na região de Trás-os-Montes.

Destas últimas, duas situavam-se no território da Diocese de Miranda do Douro: Mirandela e Miranda do Douro.

Apesar da sua fundação bastante atribulada foram elevados à categoria de conventos formais em 1726 pelo Papa Bento XIII. Permanecendo em funcionamento até 1834, ainda que sempre com uma existência modesta.

THE SPANISH DISCALCED BRANCH OF THE TRINITARIAN ORDER AS AN EXTENSION OF THE LUSO-HISPANIC WORLD INTO THE AUSTRO-HAPSBURG MONARCHY

CARLOS WATZKA

Doutor em Sociologia; prof. no Institut für Soziologie [Univ.Graz, Áustria]

As known, Spain and Austria were politically closely linked by both being ruled by members of the Hapsburg dynasty from c. 1500 to c. 1700. Shared interests by having France and the Ottoman Empire as common enemies were accompanied by growing socio-cultural ties, too, particularly after the division of Western Christianity in the mid-16th century, which left the reigns of Spain and Portugal, together with the Italian states, the dukedom of Bavaria and the Austrian countries at the southeast borders of the Holy Roman Empire, as strongholds of a renewed, Post-Tridentine Catholicism.

In Austria, political power of the Habsburgs as well as of the catholic church was particularly contested by the Protestant movement from the early 16th to the early 17th century. Yet, after the official expulsion of all “Lutherans” from the “hereditary lands” of the Habsburgs by then, as long as until late 18th century religious and political opposition by non-catholic networks within nobelty and bourgeois middle classes remained a challenge to the composite Hapsburgian state with regard to the kingdoms of Bohemia and Hungary, which the dynasty claimed to rule. Equally, the “Turkish Danger” for Central Europe was not overcome until the 1780es.

This was the context in which the pro-catholic political and religious elites in Austria again and again turned to Southern and South-Western Europe during 17th and 18th century in search for support for their manifold struggles. Among others, the “import” of reliable catholic clergymen played an important part in this process of rebuilding elites loyal to the Emperor. Many Italians and Spaniards, and some Portuguese, too, were invited to come to Austria for missionary activities, but also to conduct charitable enterprises and to function as administrative staff for the consolidating organisations in state and church.

Among those was the Spanish Discalced Branch of the Order of the Most Holy Trinity, whose members were called to Vienna for the first time in 1685, only two years after the siege of the city by the Ottoman army, which had left large parts of the surrounding regions depopulated by flight, murder and distraction.

The settlement of the Trinitarians in Austria was organised by the papacy and the order's convent of San Carlino in Rome, but a large proportion of the monks living there were from Iberian origin, and so were all of the "founding fathers" sent to Vienna in 1688.

Of course, the Spanish Trinitarians, brought their understanding of catholicism, their specific cultural traditions and also their practical experiences with them – and not at least their language, too. And they remained dominant within the Austrian part of the order for two to three decades, which can be seen by examining the lists of general commissioners of the order for Austria and of the ministers of the convents founded here. Therefore, Spanish, beneath Latin and Italian, probably functioned as internal "working language" of the order for quite a long time. This can be concluded particularly by remaining sources, handwritten ones, but even printed, like the "Triunfos Austriacos", a work originating from the Viennese cloister of the order and dedicated to the Habsburg family, which appeared in print in Vienna in 1707. This text is an example for the use of Spanish even for outward and "public" communication of the Austrian Trinitarians in those days.

The paper will address such hints on the relevance of the Spanish roots of the order for its presence in Austria during the late 17th and the 18th century. Those traces are not extensively well documented – since the order's old Viennese archive is lost –, but sufficiently to allow some careful assessments of this particular stream of cultural transfer and expert migration from the Iberian Peninsula to Central Europe, in which the Trinitarian order was involved.

OS RELATOS DE VIAGEM DOS PADRES TRINITÁRIOS COMO FONTE PARA O CONHECIMENTO DO NORTE DE ÁFRICA (século XVIII)

EDITE MARTINS ALBERTO

Doutora em Hist.Moderna [ICS/UM]; inv. CHAM - FCSH/NOVA-Uac; DPC/CML.

O relato escrito de toda a jornada, desde a saída do reino até ao regresso com os cristãos libertados, estava inerente às acções dos padres redentores da Ordem da Santíssima Trindade aquando dos resgates gerais de cativos. Com maior ou menor pormenor, de acordo com a sensibilidade e formação dos religiosos, chegaram até nós variados registos das incursões em terras dos actuais estados de Marrocos e da Argélia.

Centrando o nosso estudo nos resgates efectuados por frei Simão de Brito (1676-1739) e nos factos por ele descritos, pretende-se nesta comunicação destacar o papel destes registos no conhecimento das realidades vividas no Norte de África e o modo como foram percebidas pelo religioso. Frei Simão de Brito, padre redentor nos resgates gerais de 1718 e 1735 em Meknès, e de 1720, 1726 e 1731 em Argel, percorreu grandes extensões geográficas tanto por terra como por mar. Desde a organização urbana aos cultivos agrícolas, desde a administração pública aos costumes tradicionais, os relatos evidenciam com muito pormenor e sensibilidade descritiva as realidades vividas durante as complexas negociações de resgate e/ou troca de cativos.

MIGUEL DE CERVANTES E OS TRINITÁRIOS QUE O RESGATARAM. IN LAUDEM

MARIA FERNANDA DE ABREU

Doutora Liter.Românicas Comparadas [FCSH/NOVA]; Prof. NOVA; Prof.Visit.Harvard, Brown, USP, UFRJ, PUC-Rio de Jan., Paris 8, Lyon 2, Coimbra; Pres.do Instit.de Estudos Ibéricos; inv. CHAM - FCSH/NOVA-Uac

Comentário, à luz dos actuais estudos biográficos sobre Cervantes, do livro publicado em Madrid em 1916 pelo trinitário Fr. Domingo de la Asunción, que o próprio apresenta ao leitor como:

«una pequeña biografía de Fr. Juan Gil, varón heroico y admirable, honra y prez de la Orden Trinitaria y digno de que su recuerdo permanezca vivo en el pueblo español, no solamente porque sacrificó todos los alientos de su vida en el servicio de los desgraciados cautivos cristianos, en África, sino también por haber sido causa del renacimiento del autor del Quijote a las letras españolas, al rescatarle en Argel cuando ya, humanamente, se había perdido toda esperanza de libertad.»

CONVENTO DA TRINDADE - O DIA SEGUINTE A SIMBÓLICA DOS AZULEJOS DA CERVEJARIA DA TRINDADE E DA FACHADA DA CASA DE MANUEL GARCIA

FERNANDO AFONSO ANDRADE LEMOS,
Doutorando [Univ.Salamanca]
CARLOS REVEZ INÁCIO, Lic.Hist. [FCSH/NOVA],
Histor.CML
FERNANDA CABRITA, Lic.Medic [Fac.Med./UL],
Invest. de Hist. Local

GUILHERME PEREIRA, Lic.em Sociol. e em Econ.
[Univ.Grenoble], Post-grad Est.Olispenses [UAL]
Inv. Patrim.de Lisboa
JOSÉ ANTÓNIO SILVA, Resp.núcleo Arq.Fot.do
ANTT
Todos do Centro Cultural Eça de Queiroz.

Na Trindade, nem sempre bom vento, nem sempre Convento. Pela sua longa história muitos e grandes momentos passou o Convento da Trindade; mas, igualmente muitos e grandes tormentos o afectaram. Não só os acidentes naturais, como, sobretudo, o sismo de 1755; mas idiossincrasias que produziram acções deletérias, como a de Joaquim António de Aguiar, em 1834.

Mesmo assim, algumas daquelas pias e venerandas paredes conseguiram manter-se de pé e renovadas, não já por frades, mas por leigos, que, acrescentando outras, novas, nelas viveram e vivem. Edificaram-nas e adornaram-nas conforme os ideais que presidiam ao seu pensamento. E deste modo surgiu a Cervejaria da Trindade.

E o espaço manteve-se e continuou o topónimo – a Trindade -, como um espaço de vivência social e cultural. Como tantos outros casos ao longo da História, não se viu votado ao esquecimento, nem a vaga referência memorialista.

O nosso trabalho não vai dilatar-se em acontecimentos religiosos ou culturais, nem em personalidades vibrantes e imponentes, embora por imposição da História o evoquemos. Outros o farão. Compete-nos falar da ornamentação simbólica, depois de terminado o percurso religioso e aberto o espaço social, mandada fazer por Manuel Moreira Garcia e efectuada pelo seu amigo e *irmão* Francisco Ferreira, conhecido vulgarmente pelo Francisco das Tabuletas.

Assim, dois momentos orientaram a nossa investigação. Em primeiro lugar, o interior da Cervejaria, onde se podem encontrar os restos do claustro do antigo Convento e contemplar, entre outros elementos decorativos, os painéis de azulejo que permitem vivenciar a sensação de nos encontrarmos *dentro* de uma loja maçónica, em participações *brancas*, isto é, não regulares mas abertas a todos. Os cinco painéis azulejares da entrada retratam os cinco elementos mais importantes de uma loja. Mas não se esgota neles a simbólica maçónica de todo o revestimento azulejar da Cervejaria. No antigo Refeitório monacal outros painéis se relacionam com o tempo e com actividades importantes no âmbito da Maçonaria: desenvolvimento e filantropia.

De seguida, admiraremos a fachada da casa de Manuel Moreira Garcia, igualmente conhecida por Casa de Francisco das Tabuletas. Constitui uma das frontarias mais belas e simbólicas de Lisboa. Desde as figuras aos números de janelas e portas é todo um conjunto de *segredos* que podem ser revelados a todos os interessados, mas que, por vezes, ficam anódinos a qualquer passante desprevenido ou apressado.

Conhecer este rincão de Lisboa é admirar os últimos momentos de um convento que deixou de o ser. Outrora resgataram-se cativos dos mouros, agora resgatam-se os cativos do stress quotidiano da vida actual.

O ÚLTIMO RESGATE GERAL DE CATIVOS ORDENADO POR D.FILIPE II DE PORTUGAL EM ARGEL (1621)

FERNANDO LARCHER

Lic. em Dir. [FD/UL] e em Hist. [FL/UL],
Doutor [Univ. Cat. Louvain], SGL, inv. CHAM
– FCSH/NOVA e Uac; IPT

1. Corria o ano de 1619 quando el-rei D. Filipe II, informado do cativo de D. Jorge de Mascarenhas e da sua família, remanda Fr. António da Cruz a resgate a Argel.

Havia tão só 22 dias que este tinha regressado à sua Província trinitária de Portugal, e fora ainda em 15 de Janeiro de 1619 que Filipe II mandara ordem a Fr. André de Albuquerque para que lhe enviasse dinheiro para que pudesse regressar de Argel, onde ficara a concluir o resgate que este e outros padres trinitários das províncias de Castela e Andaluzia tinham levado a efeito.

De então para cá, aliás, a conjuntura agravara-se em virtude das negociações decorridas já em 1619 com vista à conjugação das armadas portuguesa, espanhola, inglesa e francesa contra os corsários cada vez mais audazes.

2. D. Jorge de Mascarenhas, que acabava de cumprir a função de governador e capitão de Mazagão fora, efectivamente, no seu regresso, feito cativo e conduzido a Argel, conjuntamente com sua mulher e seus filhos, D. Francisco, o primogénito, D. Pedro de doze anos, e D. Simão de oito.

Desincumbiu-se bem Fr. António da Cruz desta sua missão. De carta de 30 de Setembro, assinada por D. Jorge já como capitão de Tânger, infelizmente sem indicação de local, constata-se que já regressara de Argel. Duas semanas e meia decorridas, a 17 de Outubro, Fr. Baltasar Pais, Provincial trinitário de Portugal, escrevia de Lisboa, para Fr. António da Cruz, dando notícia do regozijo causada pela chegada dos fidalgos e das diligências para enviar a elevada quantia do resgate de que ele ficara por fiador.

O primeiro objectivo da missão de Fr. António estava cumprido. Regressara, com a sua família, D. Jorge de Mascarenhas, o futuro primeiro conde de Castelo Novo e primeiro marquês de Montalvão, que uma carreira notável elevaria a também primeiro vice-rei do Brasil, qualidade na qual enviaria a Lisboa seu filho, o futuro conde de Serém e marechal do reino, e o Padre António Vieira, a anunciar ao recém-proclamado D. João IV a adesão do Brasil à causa da Restauração.

3. Esteve longe de se limitar o resgate à libertação da família Mascarenhas. Alcançou libertar eclesiásticos como o menorita terceiro Fr. Manuel de Santa Catarina, o pregador da Província das Canárias, Fr. Mateus de Armas, o cura da ilha de Porto Santo, Padre Manuel

Pereira da Silva, e com particular destaque esse D.Fr. António de Gouveia, bispo titular de Cirene, agostinho que hoje relembramos essencialmente pelo seu contributo historiográfico para a Arquidiocese de Goa ao tempo do arcebispo D.Fr. Aleixo de Meneses, que regressava da sua segunda embaixada à Pérsia quando foi apresado por um corsário argeliano ao navegar da Sicília para Roma. Chegou-nos uma carta sua ao redentor Fr. António, atormentado e queixoso com a demora deste na sua libertação. Prova de que desconhecia o paciente e hábil engenho que a experiente condução das negociações exigia.

4. Como escreverá Fr. António, já de Lisboa, em 15 de Dezembro de 1621, ao Pe. Luis Petit, Geral e Comissário Apostólico de toda a Ordem da Santíssima Trindade, aliás o que maior permanência teve à frente da Ordem (1612-1652), acabou também por ter de se empenhar pelos Padres Mercedários das Províncias de Valença e Aragão que indo em acção redentora se viram na situação não podiam sair de Argel por falta de dinheiro.

5. Arrastava-se ainda o empenho de Fr. António quando, em 15 de Março de 1621, os Trinitários descalços abriam o seu primeiro capítulo geral em Montmorency, sob a presidência do seu grande protector o cardeal la Rochefoucauld, consolidando a cisão contra a qual foi vã a tenacidade do Geral Luís Petit.

6. Não foram inúteis as provações de Fr. António da Cruz. Em 15 de Agosto de 1621 partia, enfim, de Argel com o grosso dos cativos resgatados, rumo a Valença. A força dos ventos, porém, fê-los desembarcar em Maiorca e, reza a Crónica, quando pretenderam fazer a solene procissão como era uso, os mercedários opuseram-se...

Saldou-se este resgate de 1619/1621 na libertação de 149 cativos que, somados aos 152 do resgate de 1618, já bem estudado pela Doutora Edite Alberto, perfaziam 291 só para Argel em menos de um escasso quinquénio.

**L'«ORDO SANCTAE TRINITATIS ET CAPTIVORUM» (1198) UNA
MANIFESTAZIONE DELLA POLITICA INTERNAZIONALE DEL PAPATO.
IL FATTO UMANITARIO COME ALTERNATIVA AL SERVIZIO MILITARE
DI CROCIATE E ĠIHĀD [CONFERÊNCIA]**

GIULIO CIPOLLONE

Prof. ordinario di Storia medievale nella Facoltà di Storia e Beni culturali della Chiesa della Pont. Univ. Gregoriana; Segret. della Fond. "Etica nelle relazioni internazionali" nella Facoltà di Sociologia della stessa Università; Prof. invitato di Storia medievale e Storia delle Spiritualità nella Facoltà di Teologia della Univ. Pontif. Salesiana; Accademico dell'Accademia Ambrosiana

L' «Ordo sanctae Trinitatis et captivorum» (1198) si colloca in modo evidente come espressione dell'interesse umanitario del papato nella varietà dei rapporti tra Cristianità e Islam.

Nato con l'approvazione del papa Innocenzo III e con il suo intervento diretto nella redazione della *Regola* di vita, è un ordine costantemente raccomandato e protetto dalla Sede apostolica, così da avere una configurazione internazionale fin dalla sua nascita.

Fin dai primi decenni del XIII secolo, la sua presenza è attestata a Roma, in Inghilterra e in Palestina; ma la sua diffusione più vasta si registra in Francia, Spagna e Portogallo. La presenza dell'ordine in Portogallo manifesterà una intensa attività di redenzione e liberazione dei captivi, sino a strutturarsi come significativa provincia religiosa.

Nato in contesto di crociate e ġihād e sotto il diretto controllo dei Papi, l'Ordine risentirà del mutevole andamento nella pratica delle guerre sante e, nei secoli successivi, presterà la sua opera in favore della liberazione dei captivi frutto delle attività piratesca e corsara.

La dipendenza dalla Sede apostolica e la necessità di confrontarsi con la politica dei Governi nelle varie nazioni europee, in qualche modo determineranno l'ampiezza dell'attività redentiva e liberatrice dell'ordine e quella della geopolitica per il proprio sviluppo.

O TRINITÁRIO D. FREI SEBASTIÃO DE MENESES, ARCEBISPO DE CARTAGO E PATRIARCA DE ÁFRICA – UM DIPLOMATA AO SERVIÇO DE D. JOÃO I

JOÃO ABEL DA FONSECA

Mestre, CHUL; AM; APH; SGL; SHIP

A comunicação abordará a vida do trinitário em título e, em especial, o seu papel como diplomata ao serviço de D. João I, nomeadamente junto de Baldassare Cossa, o antipapa João XXIII, com vista à obtenção de uma bula para a tomada de Ceuta. Breves apontamentos recolhidos na *Historia chronologica da esclarecida Ordem da SS. Trindade, Redempção de Cativos, da Provincia de Portugal...* / por Fr. Jeronymo de S. José. Lisboa : na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789-[1794].

ANDRÉ GONÇALVES E OS CICLOS PICTÓRICOS DO CONVENTO DAS TRINAS DO MOCAMBO, EM LISBOA

JOÃO MIGUEL FERREIRA ANTUNES SIMÕES

Lic.e mestre em Hist.Arte [FL/UL] Doutorando [FL/UL].
Inv.no Museu de São Roque da Sta Casa da Miser.de
Lisboa. Autor de uma monografia do Convento das Trinas
do Mocambo de Lisboa

O Convento das Trinas do Mocambo de Lisboa foi fundado em 1657 por um casal flamengo radicado em Lisboa. Pertencia ao ramo feminino da Ordem da Santíssima Trindade. Entre 1745 e 1754 recebeu uma intensa campanha de obras que culminou com a encomenda de dois grandes ciclos pictóricos ao pintor André Gonçalves (1685-1762), tendo colaborado nessa campanha o seu filho, Manuel José Gonçalves, considerado melhor pintor que seu pai mas que faleceu prematuramente, provavelmente durante a execução da campanha das Trinas. O ciclo da igreja era composto por 36 telas, das quais 22 eram dedicadas ao ciclo da vida de São Félix de Valois e São João da Mata, fundadores da Ordem da Santíssima Trindade. A composição nasceu com a redacção da história da vida dos santos, publicada em Madrid em 1630 originando, pouco depois, a elaboração de dois ciclos pictóricos um para a Igreja dos Trinitários de Paris (1632) e outro para a de Madrid (1634), as quais foram reproduzidas em gravuras que foram, parcialmente, utilizadas por André Gonçalves.

O ciclo do coro-baixo era composto por 20 telas mais a pintura do tecto, e era dedicado à vida da Virgem em 4 sub-ciclos, utilizando diversas gravuras de Peter Paul Rubens. André Gonçalves é o mais activo pintor português antes do Terramoto, sucedendo a Bento Coelho da Silveira no encabeçamento da quase totalidade das encomendas da elite política e eclesiástica da capital, produzindo para numerosas igrejas e palácios de todo o país. Utiliza uma paleta de cor mais luminosa e variada que a pintura anterior, ainda muito arreigada ao Tenebrismo e ao claro/escuro do século XVII. As composições são mais naturalistas e com maior respeito pelas proporções e anatomia, muito graças à cópia da sua vasta colecção de gravuras de pinturas dos maiores mestres europeus valorizados na época. Por estas razões, foi um dos pintores que mais contribuiu para a introdução do barroco italiano em Portugal, no reinado de D. João V, sem ter tido, para isso, formação em Roma.

O Convento das Trinas foi extinto no século XIX permanecendo, todavia, incólume até 1910 quando foi afecto a diversas actividades do Estado. A igreja e coro-baixo acabaram por ser ocupados por famílias pobres e as pinturas foram retiradas na década de 1920 numa missão de salvamento que as transferiram para o Convento de Cristo de Tomar. Foram recentemente alvo de uma campanha de restauro, musealização e exposição temporária. Grande parte do conjunto da vida dos santos trinitários está, ainda hoje, com paradeiro desconhecido.

O RESGATE GERAL DE CATIVOS DE 1778 NA REGÊNCIA DE ARGEL. UMA LEITURA DESTA REDENÇÃO À LUZ DA CONJUNTURA MAGREBINA DO FINAL DE SETECENTOS

JORGE AFONSO

Lic. em Hist. e mestre em Hist. dos Descobrimentos e Exp. Port.; Doutorando; Centro de Hist. da FL/UL

A 13 de Janeiro de 1786, Martinho de Melo e Castro expressou nas “Instruções que levou Jaques Filipe Landerset” a maneira pouco cuidada como tinham decorrido as últimas redensões levadas a cabo por particulares e padres redentores da Santíssima Trindade em terras magrebina. Segundo o ministro de D. Maria I “Ambos os resgates [Marrocos em 1763 e Argel em 1778] se fizeram sem termos nem em Marrocos, nem em Argel pessoa alguma de probidade, de quem se confiasse o referido Resgate; e por isso ele se praticou de tal forma, que além de grandes prejuízos da Real Fazenda, ficarão os Argelinos persuadidos, e certos de avultados Lucros que lhes resultarão, e poderão resultar das suas piratarías.”

Na sequência do já também investigado por Diogo Inácio de Pina Manique sobre as actuações de alguns “cavalheiros de indústria” em anteriores redensões de cativos no império xarifino e na regência de Argel, anos mais tarde, o cronista da Ordem da Santíssima Trindade, frei Jerónimo de São José, não hesitou em revelar que em relação ao resgate geral de 1778 “Varias cousas succederão nesta negociação, dignas de nota, e de ficarem perduráveis nesta nossa Provincia”. Estas últimas estariam ligadas à interferência de interesses particulares nas várias redensões efectuadas pelos padres trinitários em Marrocos e Argel durante todo o século XVIII. A contaminação dos valores cristãos que deveriam, segundo frei Jerónimo, nortear qualquer resgate em terras “barbarescas” pela apetência de desmesurados proveitos, justificava a forma pouco cuidada como se tinham gerido, já em Argel, todas as incidências que rodearam o resgate geral de 1778.

Pretende-se aquilatar neste trabalho da fundamentação das razões apresentadas, primeiro por Martinho de Melo e Castro, depois por frei Jerónimo de São José, tendo em conta que estas só devem ser entendíveis à luz da sua integração na conjuntura interna e externa das três mais importantes realidades políticas do Islão sunita magrebino de finais de Setecentos.

A regência argelina que vira, durante todo o século XVIII, 14 deys passar, por períodos mais ou menos longos – Dali Ibrahim apenas seis meses e Muhammad Ben Othman entre 2 de Fevereiro de 1766 e 12 de Julho de 1791 –, pelo comando dos destinos da oligarquia turca de Argel, encontrava-se geograficamente situada entre dois poderes com quem era obrigada a confrontar-se por via diplomática ou militar: a regência de Tunes e o império xarifino. A ocidente situava-se o espaço geopolítico e religioso marroquino, gerido nas suas múltiplas contradições por Muhammad ibn Abdalah (1757-1790), influenciado pelo sunismo wahhabita de filiação hanbalita e pela posterior leitura de Ibn Taymiyya (m. 1328), que tanto ele como o mais importante dos seus sucessores, Mulei Slimane (1792-1822), tentariam aproveitar em favor da centralização do poder real, procurando reduzir as funestas consequências da geometria variável do makhzen alauíta. A oriente encontrava-se a regência de Tunes dominada pelos Háfsidas, tendo um dos seus mais longevos governantes – ‘Ali Bey II (1759-1782) – permanecido no poder por dilatado período de tempo, coincidindo com a permanência dos padres trinitários em Argel no ano de 1778.

O resgate geral de 1778 na regência argelina terá assim que ser enquadrado em todos os seus circunstancialismos à luz da conjuntura muito particular dos principais

poderes magrebinos que de alguma forma ajudam a compreender as dúvidas e críticas de Martinho de Melo e Castro e Frei Jerónimo de São José, fazendo sobressair a dimensão negocial dos padres trinitários a quem, face à situação com que se depararam em Argel, poucas opções restavam.

RESGATANDO EM MARROCOS NO SÉCULO XVI: JESUÍTAS, TRINITÁRIOS E JUDEUS

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES DA SILVA TAVIM

Doutor Est.Port. [NOVA]; Bols. de pós doutoramento [FCT]; Centro de Hist., FL/UL; CIDEHUS , Univ.Évora.

Esta comunicação pretende analisar as estratégias de organização do negócio do resgate dos cativos portugueses em Marrocos, durante o século XVI, tendo como iniciativa os religiosos Jesuítas e Trinitários, e como intermediários elementos da minoria judaica.

Na nossa investigação verificámos que, no século XVI, nesta articulação, no que respeita aos religiosos portugueses, os maiores protagonistas são os Jesuítas e os Trinitários. A legislação régia, nomeadamente do tempo de D. Sebastião e a Filipina, é bastante draconiana em relação à participação dos judeus no empreendimento do resgate. Mas também verificámos que, nestes tempos do alicerçar desta actividade, a iniciativa individual no local, perante circunstâncias prementes, é ainda decisiva: daí a necessidades destes religiosos recorrerem aos judeus, que em número mais elevado, muitos deles bilingues ou trilingues, e experientes no tradicional trato dos cativos entre as duas margens do Mediterrâneo, eram peças fundamentais em processos que muitas vezes se divisavam como longos, implicando o trânsito de pessoas e o avançar de verbas, quer para o resgate, quer para o alojamento, vestuário e alimentação dos cativos, segundo o seu estatuto social.

Pretendemos assim elucidar que papel era atribuído aos judeus como intermediários no resgate gerido pelos religiosos, e que consequências teve esta actividade no destino de alguns destes. Na verdade, sabemos que alguns judeus se converteram ao Cristianismo, quando entraram em Portugal para recuperarem as dívidas dos cativos, tarefa facilitada pela criação em Lisboa de uma Casa dos Catecúmenos em 1584, seguindo o exemplo romano.

**A PROVINCIA MISIONERA DE NTRA. SEÑORA DEL REMEDIO,
DA ORDEN DE LA SANTÍSIMA TRINIDAD Y DE LOS CAUTIVOS
MI VIAJE A MADAGASCAR**

JOSÉ A. RAMÍREZ NUÑO

Bach.en el colegio de los PP. Trinitarios de Algorta (Vizcaya); lic.en Teología Católica y Filosofía Escolástica [Univ.Gregoriana de Roma]; lic. en Teología Espiritual [Angelicum, Roma], Filosofía y Letras [Complutense de Madrid], Pedagogía [Complutense de Madrid]; e Medicina y Cirugía [Univ.de Granada]. Rector del Santuario de la Virgen de la Cabeza en Andújar [1976-1979].

1. Mi Motivación

Ultimar la clínica oftalmológica y ponerla en marcha para que cuando vaya el equipo del Dr. Laborda en Marzo se puedan hacer todas las intervenciones en nuestra clínica.

Puedo decir que nunca había pensado en viajar a Madagascar. Fue el Dr. Laborda quien me animó y justificaba su deseo de que le acompañara, dado que yo había sido el promotor de la obra en las que muchos han colaborado.

No sin vencer algunas dificultades logré unirme al grupo del Dr. Laborda y su cuñado. Partimos el 24 de Noviembre de 2012. y llegamos a las 12 de la noche del mismo día. En el aeropuerto de Antananarivo nos esperaba el P. Felipe que tenía todo previsto.

Al día siguiente partimos hacia Tsiroanomandidy, e hicimos la primera parada en Miarinarivo, misión fundada por los Trinitarios, que generosamente cedieron para que se erigiera la primera diócesis de Madagascar. Los patios llenos de niños felices y contentos y la iglesia a rebosar de cristianos cantando en un ambiente festivo que elevaba el alma al cielo. Tras esa breve parada seguimos hacia Tsiroanomandidy, donde fuimos acogidos en la residencia de los PP. Trinitarios por el P. Víctor, Ministro de la casa. Y comenzó nuestra labor de inspección.

He podido ver la ingente labor religiosa y social que nuestros misioneros españoles han realizado en Madagascar en los 76 años de misión. Realmente podemos y debemos sentirnos orgullosos de ellos. Por donde han pasado, han dejado iglesias, escuelas, ambulatorios, que de momento todos están en marcha, aunque ha comenzado un cierto periodo de deterioro y que a toda costa debemos impedir.

Magnífica la Catedral de Tsiroanomandidy edificada por el obispo Trinitario Mons. Angel Martínez en plena comunión con los misioneros Trinitarios pioneros, como el P. Pedro Arriortúa, El P. Alejandro, el P. Julián, el P. Severiano, el P. Felipe, el P. José Hernández que ha sido un verdadero torbellino a su paso por Madagascar.

Mientras visitaba lo que pude de la Misión acompañado por el P. Felipe Bustinza iba naciendo en mí el deseo de que quedara escrito y grabado cuanto estaba viendo y oyendo. Y nació en mí el deseo de escribir la Historia reciente de la Misión Trinitaria de Madagascar, fundamentalmente del rastro dejado por los Trinitarios Españoles.

2. Gesto generoso de los Trinitarios

El 4 de julio de 1939 llegaba a Miarinarivo el Vicario Apostólico de Tananarive, que en ese momento lo era Mons. Fourcadier.

Traía un mensaje importante de parte de su Santidad el Papa Pío XI. El Santo Padre, ya anciano, antes de morir, quería consagrar a un obispo africano. Sería el primero del continente.

Para poder dar satisfacción a los deseos del Papa, la Congregación de la Propagación de la fe hizo una investigación para ver qué circunscripciones misioneras estaban en grado de ser declaradas diócesis. Se fijaron DOS: una en Uganda y otra en Madagascar. En la Isla Roja escogieron la misión trinitaria de Miarinarivo. Esto quiere decir que durante los 13 años de trabajo evangelizador de los Trinitarios, la misión había progresado muchísimo.

Según Mons. Fourcadier había que crear en Miarinarivo una nueva diócesis que sería confiada al clero nativo y diocesano. Para ello se necesitaba el consentimiento de los Trinitarios a quienes se les había confiado aquel territorio. Además, se les pedía a los Trinitarios que continuasen apoyando al nuevo obispo malgacho y al clero diocesano.

Para los Trinitarios, el deseo del Santo Padre era algo sagrado. No se podían oponer. Incluso lo consideraban como un honor.

Con el fin de tratar este asunto en Roma con las autoridades de la Santa Sede, salieron para Italia los padres Benito y José di Donna.

En la entrevista que mantuvieron con el Prefecto de la Congregación de la Propagación de la fe, escucharon del Cardenal estas palabras: CONVIENE QUE ACEPTEN ESTA PROPUESTA.

Aunque la decisión afirmativa suponía un sacrificio para los Trinitarios, la propuesta fue aceptada en espíritu de obediencia a la Iglesia.

Aquel mismo año fue elegido Mons. Ignacio Ramarosandratana como primer obispo de Miarinarivo.

Se supo que el Papa Pío XI se conmovió al escuchar el espíritu de obediencia de los Trinitarios.

No fue Pío XI el que consagró a Mons. Ignacio. Sería ya el nuevo Papa Pío XII.

La consagración episcopal de Mons. Ignacio se celebró en la basílica de San Pedro de Roma el 29 de octubre de 1939. Como premio a la Orden por su generosidad, el Santo Padre nombró obispo de Andria al superior de la Misión, el P. José di Donna que gobernó pastoralmente dicha diócesis hasta el año 1952.

Admirable fue el ejemplo de santidad que dio Mons. di Donna en Andria.

Poco después de su fallecimiento, fue introducida la causa de beatificación y actualmente se le honra ya con el título de VENERABLE.

3. Creación de la Provincia Misionera de Nuestra Señora del Remedio en Madagascar

El florecimiento de las vocaciones trinitarias en Madagascar no coincide con la llegada de los Trinitarios a la Isla.

Desde 1926 hasta 1970, los Trinitarios trabajaron principalmente en la promoción de las vocaciones para el clero diocesano, puesto que el fin principal de su acción misionera era la implantación de la Iglesia.

En 1973 se decidió la construcción de una casa de formación en Tananarive para los candidatos a la vida religiosa trinitaria.

Este centro fue llevado a cabo gracias a la ayuda financiera proveniente de la provincia de los EE.UU.

El año 1979 se abrió el noviciado en Tsiroanomandidy y en el año 1982 se trasladó a Moramanga.

Poco a poco fueron construidas las casas de formación de la futura Provincia. Se abrió un Preseminario en Tsiroanomandidy, un seminario en Ambatondrazaka, un postulante en Amparafaravola. El noviciado en Moramanga. Los filósofos se establecieron en Antsirabé y los teólogos en Tananarive. La nueva Provincia cuenta con ocho comunidades, a saber: Tananarive, donde se halla el teólogo y la curia provincial. Antsirabe, sede del filosofado. Moramanga, lugar del noviciado, parroquia, se encuentra el postulante, parroquia y distrito. Ambatondrazaka que cuenta con el seminario, la parroquia, el distrito religioso y la cárcel. Tsiroanomandidy con el preseminario, la parroquia, un gran distrito, cárcel y varias obras sociales.

Maintirano: comunidad, parroquia, distrito y cárcel. Fianarantsoa que atiende una parroquia y la capellanía de la cárcel.

Además de estas casas-comunidad, la Provincia tiene a su cargo otros cuatro distritos religiosos que no son casas-comunidad. Dos en la diócesis de Amatondraka, esto es, Andilanatoby y Andriamena y dos en la diócesis de Tsiroanomanadidy, a saber, Morafenobe y Ambatomainty.

Los apostolados preferenciales de la nueva provincia son la pastoral penitenciaria y la evangelización. De un modo especial se ha establecido como campo preferencial de evangelización la región del oeste cuyo centro es la ciudad de Maintirano.

Dado el aumento de las vocaciones nativas, en el capítulo general de 1995, celebrado en Baltimore EE.UU. se creó la nueva provincia de Madagascar que lleva por título: PROVINCIA MISIONERA DE NUESTRA SEÑORA DEL REMEDIO de Madagascar.

He aquí el decreto de erección de la Provincia, fechado el 14 de Junio de 1995: *“El Capítulo General, visto el desarrollo de la Orden en Madagascar y constatando que se dan los requisitos para que en aquella región la Orden tenga su propia figura jurídica, a norma del Derecho Canónico y de nuestras Constituciones, con confianza y alegre esperanza, crea la PROVINCIA MISIONERA DE MADAGASCAR, con todos los derechos y atribuciones que le competen según el derecho común y propio. Al mismo*

tiempo, da mandato al Consejo General para que, lo antes posible, sean conferidos los oficios y cargos necesarios de gobierno.

En este momento solemne, el Capítulo General recuerda con veneración a nuestros religiosos que han dado su vida por Madagascar; nuestra gratitud a todos los hermanos que con entrega han trabajado y trabajan en aquella nación; abraza a los hermanos malgachos que con nosotros viven el carisma de S. Juan de Mata y rinde homenaje a los religiosos: El Siervo de Dios Mons. Giuseppe di Donna, Mons. Ángel Martínez, Mons. Francesco Vollaro y Mons. Antonio Scopelliti, que han honrado y honran aún en el presente la Orden Trinitaria con el episcopado en la Iglesia de Madagascar”. (La O. Trinitaria P. I. Vizcargüenaga.p.243).

“Secundando el mandato otorgado por el Capítulo General, el Consejo General hizo las elecciones del primer gobierno de la Provincia el 14 de Noviembre de 1995 previas todas las consultas y sondeos que los nuevos estatutos establecían.

Estas fueron las elecciones:

Ministro Provincial P. Felipe Bustinza.
Consejero 1º y Vicario P. Pierre Andriamanahita.
Consejero 2º P. Carmine Cipollone.
Consejero 3º P. Marc Trembay.
Consejero 4º P. Alberto Pesce
Secretario Provincial P. Paul Rakotodramparany”⁵.

Y así comenzó la andadura de la nueva Provincia, que sigue creciendo. Lástima que por la falta de vocaciones, no puedan contar con la ayuda de nuevos misioneros españoles, italianos y de otras provincias, cuya ayuda sería muy beneficiosa para la Misión y para los habitantes de Madagascar.

En el catálogo de la Orden del 2011 se puede ver que la Provincia de Madagascar cuenta con 57 sacerdotes. 9 hermanos cooperadores profesos solemnes. 67 estudiantes y 14 novicios.

En total: 147 miembros, sin contar los postulantes y aspirantes.

De todos éstos, solo 8 son misioneros extranjeros. Todos los demás son malgachos.

La secuencia de Ministros Provinciales es la siguiente: P. Felipe Bustinza; P. Innocent Rabemanantsara; P. Pierre Ramanandro; P. Francois Xavier Randriamanantsoa

Ante esta hermosa realidad surge espontáneamente en nosotros un sentimiento de acción de gracias a la Sma. Trinidad por este don tan extraordinario concedido a su Orden.

EL ESTADO ACTUAL DE LA ORDEN TRINITARIA [COMUNICAÇÃO ENVIADA AO CONGRESSO]

⁵ Cf. P. I. Vizcargüenaga, *La Orden Trinitaria*, p.250.

JOSÉ HERNÁNDEZ SÁNCHEZ, O.S.S.T.

Ministro Geral da Ordem Trinitária (1995-2001;2001-2007)

La Orden de la Santísima Trinidad y de la Redención de cautivos fue fundada por San Juan de Mata el año 1198.

A través de sus ocho siglos de historia ha pasado por tiempos de gloria y por tiempos de persecuciones.

Sus glorias y sus fracasos, hasta el siglo XX, han acontecido en las naciones de Europa occidental, en Palestina y en el norte de África.

Como su nombre indica, su actividad apostólica, durante siete siglos, se ha concretado en la glorificación del misterio trinitario a través de la redención de cautivos y de las obras de misericordia. Más de 100.000 cautivos cristianos obtuvieron la libertad gracias a la acción redentora de los Trinitarios.

En esta gesta liberadora y misericordiosa participó durante varios siglos la Orden Trinitaria de Portugal. Baste recordar a los grandes redentores Trinitarios portugueses como el P. Roque de Espíritu Santo y el P. Paulino. El P. Miguel de Contreras fundador de las Misericordias y un gran número de predicadores, catedráticos y obispos que dieron lustre y honor a la Orden Trinitaria en Portugal. De la historia trinitaria en Portugal queda como testimonio el gran hospital de la Trindade en Oporto.

Lástima que la Orden Trinitaria no haya sido restaurada en la nación lusitana para poder continuar con su misión de caridad y redención como lo hizo en los siglos pasados.

Después de la época de las supresiones en las naciones europeas del siglo XIX, la Orden Trinitaria inicio una lenta pero segura restauración. Esta restauración comenzó a mediados del siglo XIX, en Roma. En 1972 se inició en España y a principios del siglo XX se extendió por otras naciones de América, Africa y últimamente en Asia.

Para darnos una idea de la situación actual de la Orden tenemos que partir de la reforma que supuso el Concilio Vaticano II.

Este oncilio pedía una profunda renovación de los Institutos religiosos apoyada en estos tres principios:

- 1.- Vuelta a los orígenes del Instituto.
- 2.- Fidelidad al evangelio.
- 3.- Atención a los signos de los tiempos.

Para llevar a cabo este programa la Orden Trinitaria se puso en marcha con un proceso de reflexión que culminó con un Capítulo General extraordinario celebrado en Granby (Canadá) el año 1969.

Este Capítulo general extraordinario fue el punto culminante de la etapa posconciliar de la Orden. De él salieron las nuevas Constituciones que rigen actualmente la vida de la Orden.

Dichas Constituciones expresan la nueva identidad carismática de la Orden. A ellas intentan ajustar su vida los 600 miembros actuales que componen la Orden distribuidos en 22 naciones.

Estos religiosos trinitarios están organizados en provincias, vicariatos, delegaciones y comunidades locales.

Exponemos a continuación la situación de cada una de las dichas jurisdicciones.

LA CURIA GENERAL DE LA ORDEN

La curia generalicia de la Orden se encuentra en Roma y su dirección es:

Rdmo. P. Ministro General
Via Massimi, 114/ C, 00136 ROMA (Italia)

PROVINCIAS ACTUALES

Actualmente la Orden se compone de SEIS provincias: dos en España, una en Italia, una en Estados Unidos, una en Canadá y una en Madagascar.

PROVINCIA DE ESPAÑA SUR (ESPIRITU SANTO)

Las dos de España son la del Espíritu Santo y la de la Inmaculada Concepción. La Provincia del Espíritu Santo está situada en el centro y sur de España.

Las ciudades donde se halla ubicada son : Madrid, Alcázar de San Juan, Valdepeñas, Andújar, Santuario de la Virgen de la Cabeza, Santuario de la Virgen de la Fuensanta, Córdoba, Granada, Sevilla, Málaga y Algeciras.

Esta provincia está también presente en Masan (Corea del Sur).

Las actividades que se desarrollan en estas comunidades son: labor pastoral en parroquias y colegios; pastoral penitenciaria en varios centros penitenciarios; animación mariana en los Santuarios; ayuda a los cristianos perseguidos.

PROVINCIA DE ESPAÑA NORTE (DE LA INMACULADA)

La provincia de la Inmaculada Concepción se halla ubicada en la parte central y norte de España.

Consta de las casas siguientes: Madrid, Salamanca, Barcelona, Santuario de la Virgen Bien Aparecida en Santander, Algorta (Vizcaya) con dos comunidades.

Las actividades de esta provincia son: parroquias, hospitales, cárceles, colegios, centro siquiátrico, pastoral mariana, secretariado trinitario y ayuda a los cristianos perseguidos.

Las dos provincias españolas poseen una casa interprovincial en Roma.

PROVINCIA ITALIANA

Se halla ubicada en Italia y consta de varias delegaciones en el extranjero, a saber:

Delegación de México, Delegación del Congo-Brazzaville, Delegación de Polonia, Delegación de Brasil. La delegación de Brasil está presente en Sao Paolo y en Suzano. La delegación de México está establecida en México Distrito Federal (tres casas) y en Aguas Calientes.

La delegación del Congo está presente en Brazzaville, en Libreville y en Point Noir.

La Delegación de Polonia se halla presente en Budisca, Cracovia y Viena (Austria).

Las comunidades de la Provincia italiana se hallan situadas en Roma, Nápoles, Gagliano del Capo, Trinitá degli spagnoli, Esperia, Castelforte, Cori, Rocca di Papa, Palestrina, Livorno, Medea.

Los religiosos de esta provincia se dedican a la pastoral parroquial, a los santuarios marianos, al cuidado de los enfermos mentales y físicos, a las misiones, a la pastoral penitenciaria etc.

PROVINCIA DE LOS ESTADOS UNIDOS

Esta provincia se formó en la primera mitad del siglo XX. Las primeras comunidades fueron fundadas para atender pastoralmente a los italianos inmigrantes.

Más tarde abrieron parroquias para los americanos. Es célebre el colegio DE MATHA que posee cerca de HYATTSVILLE.

Actualmente se hallan presentes en: Baltimore, Adelphi, Cutler Bay, Elicott City, Ewin, Goliad, Hanover, Las Vegas, Pikesville, San Antonio.

La actividad pastoral se centra en las parroquias, en el colegio y en la ayuda a los cristianos perseguidos

PROVINCIA DE CANADÁ

Se formó en la mitad del siglo XX.

En los años 1950 hubo un gran florecimiento vocacional. Parroquias, centro de espiritualidad, atención a los encarcelados, ayuda a los cristianos perseguidos...

En este momento consta de estas comunidades: Saint Bruno de Montarville, Granby, La Salle, Montréal.

Pertenecen a esta provincia las tres casas de Francia: Paris, Cerfroid y Faucon.

PROVINCIA DE MADAGASCAR

Esta provincia debe sus comienzos al proyecto misionero de la Orden que tuvo su origen en la expedición misionera del año 1926.

La aventura misionera se desarrolló primero en la región del Itasi y luego se extendió a las diócesis de Tsiroanomandidy y Ambatondrazaka.

En estas diócesis han trabajado los misioneros españoles, italianos y canadienses. Su labor apostólica ha sido ingente tanto en el campo de la evangelización como en las obras sociales.

Una de sus preocupaciones prioritarias ha sido la promoción y formación de las vocaciones tanto para el clero secular como para el regular.

Esta dedicación ha dado sus frutos. El año 1995 se creó la nueva provincia trinitaria misionera de Madagascar. Actualmente es la provincia que más vocaciones tiene, la que más progresa.

En la Isla están constituidas nueve comunidades en las siguientes poblaciones: Antananarivo, Antsirabe, Fianarantsoa, Diego Suárez, Ambatondrazaka, Maintirano, Moramanga, Tsiroanomandidy, Amparafaravola.

El apostolado prioritario de esta provincia es la pastoral misionera con una tención especial a la pastoral penitenciaria.

VICARIATOS

Además de las seis provincias, existen en la Orden Trinitaria tres Vicariatos , a saber:

- 1.- Vicariato de la India. De San Miguel de los Santos
- 2.- Vicariato de América del Sur.
- 3.- Vicariato de Colombia y Puerto Rico.

VICARIATO DE LA INDIA

A partir de la década de 1980, bajo la iniciativa y el impulso de la Provincia de los EE. UU. se ha ido formando este Vicariato.

En este momento cuenta con cinco comunidades: Bangalore, Thrissur, Changsary, Kasargod y Shimoga.

Es un vicariato floreciente por las numerosas vocaciones. Los Trinitarios se dedican a la labor misionera y a la formación de los nuevos candidatos.

VICARIATO DE AMERICA DEL SUR

Esta compuesto de las naciones de Argentina Bolivia, Chile y Perú. Jurídicamente depende de la Provincia española de España Sur.

Las comunidades están ubicadas en Buenos Aires, Santiago de Chile, San Carlos de Ñuble, Sucre y Lima.

Se dedican a la pastoral parroquial, a los colegios y a las cárceles.

VICARIATO DE COLOMBIA Y PUERTO RICO

Este vicariato depende de la provincia de España Norte.

En Colombia está presente en Bogotá, Medellín e Ibagué.

En Puerto Rico hay comunidades trinitarias en Bayamón, Isabela y Ponce.

Lo que hemos dicho hasta aquí ofrece una panorámica del conjunto de la Orden Trinitaria en el mundo.

Además de la Orden, no podemos olvidar la Familia Trinitaria.

La Familia Trinitaria está compuesta de los religiosos, de las monjas, de las religiosas trinitarias de vida activa y de los grupos de laicos trinitarios.

Todos participan de la misma espiritualidad, reconocen a san Juan de Mata como Padre y Fundador y participan de la misma misión caritativo redentora.

ÓRDENES REDENTORAS Y PREDICADORES EN LA CÓRDOBA DEL SIGLO XVII: LA LABOR PASTORAL DE LOS TRINITARIOS CALZADOS

JUAN ARANDA DONCEL

Cat. jubilado de Geografía e História do Instituto Séneca; acad. da Real Academia de Córdoba

En los albores del siglo XVII se localizan en la capital cordobesa o en sus proximidades 17 establecimientos pertenecientes al denominado clero regular, una cifra que refleja, de manera harto elocuente, la importancia de este grupo social en la vida de la ciudad.

La Orden de Predicadores tiene tres comunidades bien diferenciadas tanto por el número de frailes como por los recursos económicos. La de San Pablo el Real goza de una vitalidad que se contrapone a la sobriedad de las de Santo Domingo de Scala Coeli –cuna de la reforma dominicana- y Santos Mártires. Los franciscanos poseen el convento de observantes de San Pedro el Real y la rama recoleta el de San Francisco de la Arruzafa. Los terciarios regulares viven muy en precario en las afueras del casco urbano hasta el traslado en los inicios del seiscientos a la puerta de Baeza.

También están presentes los trinitarios, mercedarios, agustinos, antoninos y jerónimos. A ellos hay que sumar los mínimos de san Francisco de Paula, carmelitas calzados y descalzos, jesuitas, hospitalarios de san Juan de Dios y basilios que se asientan durante la centuria del quinientos.

El proceso expansivo de las órdenes religiosas masculinas en la urbe cordobesa se mantiene con bastante intensidad a lo largo del XVII, como lo refrendan las fundaciones llevadas a cabo por los trinitarios descalzos, capuchinos y franciscanos descalzos. Finalmente en esta relación hay que incluir asimismo a la congregación hospitalaria de Jesús Nazareno y la del Oratorio de san Felipe Neri.

Por lo general, los integrantes del clero regular desarrollan una importante labor pastoral a través de la predicación. Aunque en todos los actos de culto la homilía juega un papel destacado, los sermones adquieren una mayor trascendencia en determinadas épocas del año, de manera especial en adviento y cuaresma. También se requieren los servicios de prestigiosos oradores para las solemnes fiestas ordinarias y extraordinarias.

Prácticamente todas las comunidades muestran un vivo interés en el ministerio de la predicación, de ahí que tengan varios de sus miembros especializados y dedicados a la oratoria sagrada. Los sermones cuaresmales logran una evidente notoriedad y persiguen como objetivo principal fustigar los vicios e inculcar la necesidad de la penitencia. Despiertan una gran expectación, corroborada por la masiva asistencia de fieles a los templos parroquiales de la capital y poblaciones del obispado. Ello justifica que las autoridades locales decidan suspenderlos con motivo de las mortíferas epidemias que se padecen durante el siglo XVII.

La llegada de los trinitarios a Córdoba se produce con motivo de la toma de la ciudad por el monarca castellano Fernando III en junio de 1236. También en el siglo

XIII se documenta la presencia de los mercedarios. La influencia de las órdenes redentoras adquiere una mayor potencialidad en 1607 con la fundación de los frailes de la reforma emprendida por san Juan Bautista de la Concepción, mientras que el proyecto impulsado por los mercedarios descalzos de establecerse en la ciudad a mediados del seiscientos resulta frustrado a la postre.

Desde la incorporación de Córdoba al dominio cristiano los trinitarios consiguen un indudable ascendiente en la vida local, siendo la predicación un medio eficaz de su fructífera labor pastoral. La importancia del convento de la Santísima Trinidad tiene un fiel reflejo en las jugosas rentas patrimoniales que generan sus propiedades rústicas y urbanas, así como en el elevado número de religiosos. En 1591 moran en sus dependencias 32 frailes y en los comedios del siglo XVII la cifra se eleva a 60, llegando casi a duplicarse sus efectivos humanos.

Al mismo tiempo, la preponderancia del cenobio en el conjunto de los de la orden en la provincia de Andalucía viene dada por la existencia de un noviciado y la designación como casa de estudios en la que se imparten enseñanzas de filosofía y teología a los coristas profesos.

Si bien el rescate de cautivos cristianos representa uno de sus rasgos específicos, la labor pastoral de los trinitarios calzados en el campo de la predicación tiene el reconocimiento de la sociedad cordobesa. Esta tarea se proyecta asimismo en el conjunto de localidades pertenecientes a la demarcación territorial de la diócesis, debido a su activa participación en los sermones cuaresmales.

A lo largo del siglo XVII encontramos una nutrida lista de prestigiosos oradores que residen en el convento de la Santísima Trinidad. Entre ellos sobresalen fray Juan de Almoguera y fray Alonso de los Ríos que protagonizan una brillante carrera hasta alcanzar la dignidad episcopal. El primero va a ser nombrado sucesivamente obispo de Arequipa y arzobispo de Lima en el Nuevo Mundo, mientras que el segundo rige los destinos de la importante archidiócesis de Granada.

El estudio de la labor pastoral desarrollada por los trinitarios calzados en Córdoba durante el siglo XVII constituye el objetivo de nuestro trabajo, basado en una sólida apoyatura documental que nos brindan las actas capitulares de los cabildos municipal y catedralicio, así como los ricos fondos conservados en el Archivo Diocesano de esta ciudad andaluza.

TRINITÁRIOS E MERCEDÁRIOS NAS LUTAS ABOLICIONITAS DO BRASIL COLONIAL

LIDICE MEYER PINTO RIBEIRO

Doutora em Antrop.Social; Pós-Doutora em Antrop.e História
[Univ.de São Paulo]; Pós-Doutoranda [UL]; Doc. do Programa

de Pós-Graduação em Ciências da Religião da
Univ.Presbiteriana Mackenzie, São Paulo

Apesar de oficialmente a Ordem da Santíssima Trindade e Libertação de Cativos não ter vindo ao Brasil antes do século XX, estudos realizados em Cerfroid, França, local do surgimento da Ordem, em Lisboa, nos arquivos da Biblioteca Nacional e da Torre do Tombo; nos Arquivos Secretos do Vaticano, Roma, além de pesquisas nos arquivos da Cúria Metropolitana e em outras instituições históricas no Brasil, demonstraram a presença de frades trinitários e de leigos no Brasil desde o século XVI. Estes frades e leigos trinitários, em cooperação com os Mercedários, instalados no Brasil também desde o século XVI realizaram diversas ações de cunho social, em especial em prol da abolição da escravatura indígena e negra. No decorrer da pesquisa observou-se frequentes relações de conflito e de auxílio entre os Trinitários e a Ordem dos Mercedários, no Brasil Colonial. Verificou-se as aproximações e distanciamentos das devoções a Nossa Senhora dos Remédios e Nossa Senhora das Mercês nas Irmandades e Confrarias formadas no Brasil.

PRIMÓRDIOS DA PRESENÇA DOS MISSIONÁRIOS MERCEDÁRIOS NO PARÁ E AS POSIÇÕES DO P.e ANTÓNIO VIEIRA, S.J., SOBRE OS ÍNDIOS

LUÍS FILIPE MARQUES DE SOUSA

Mestre em Hist. e Cultura do Brasil [FL/UL];
Prof.do Quadro de Agrup.de Esc.de Montijo

Chegados entre 1639 ou 1640 sob pedido de Pedro Teixeira que havido subido o Amazonas até Quito, os frades mercedários estabeleceram-se em Belém do Pará. Daqui em diante perante o patrocínio missionário de Capuchos de Santo António, Jesuítas, Carmelitas juntavam-se-lhes, menos numerosos, os padres de Nossa Senhora das Mercês. Estes últimos de origem espanhola o que suscitou ao recém rei de Portugal D. João IV o pedido para que estes lhes prestassem homenagem.

No entanto, após a “partilha” das áreas de missão tudo se poderia ter alterado e é no processo de resistência aos jesuítas no Maranhão e Pará, que os mercedários serão chamados a depôr. Tudo estaria na origem de uma consulta sobre a forma e casos em que se devem cativar os índios, documento oriundo da junta em que fizera parte o Pe. António Vieira.

Os mercedários continuariam a sua evangelização junto de populações indígenas e junto dos “brancos” da terra, sobretudo em Belém do Pará e Maracanã.

D. FREI LUÍS DA SILVA, BISPO DA GUARDA: UM MECENATO TRINITÁRIO À IMAGEM DA CARITAS CHRISTI

MARIA DO CARMO RAMINHAS MENDES

Lic. Artes Plásticas – Pintura [FBA/UL]; Mestre em Artes, Patr.e Teoria do Restauro [FL/UL]; Doutoranda [FL/UL]; Doc. [UBI] ; ARTIS – FL/UL

Na conjuntura pós-restauracionista, a diocese da Guarda conheceu um período em que foi conduzida por um conjunto de prelados de grande carisma e influência no panorama nacional à altura. Mentores de uma reforma catequética que urgia ser aplicada no espírito das gentes, delinearão todo um programa imagético em consonância com os decretos tridentinos, primando pela atitude borromiana que o Concílio tinha determinado. Dentre os antístites deste período, surge a figura de D. Frei Luís da Silva. Decorria o ano de 1676 quando este religioso da Ordem da Santíssima Trindade foi nomeado para a mitra de Lamego, iniciando um percurso eclesiástico que passou pela diocese da Guarda e culminou no arcebispado de Évora. Nascido a 27 de Outubro de 1626, era natural de Lisboa e filho ilegítimo de um clérigo e deputado da Inquisição de Lisboa de nome Francisco da Silva e da nobre Margarida de Noronha. Tomou o hábito da Ordem em 1642 dando início a um trajecto em tudo brilhante: em 1668 foi nomeado Bispo Coadjutor da Primazia de Braga, e no ano seguinte foi nomeado pelo então regente D. Pedro Bispo para os Pontificais da Real Capela. Em 1671 foi a vez do Papa Clemente X o confirmar com o título de Bispo de Ticiópolis, tendo sido sagrado a 30 de Agosto desse mesmo ano na igreja do convento da sua Ordem pelo Bispo de Hipona e capelão real, D. Luís de Sousa. A 01 de Março de 1673 foi o escolhido para mais uma nomeação régia, honrando-o D. Pedro com o título de Deão da Capela Real e, no ano seguinte concedendo-lhe o título de Deputado da Junta dos Três Estados. Figura próxima do rei, conhecido por exímio orador e piedoso esmoler e reconhecido pela sua conduta exemplar marcada pela diligência, caridade e modéstia, logo iniciou reformas chegado à diocese lamecense, às quais deu continuidade na Guarda para onde foi nomeado em 1684 e onde esteve durante sete anos: um bispado com forte presença cristã-nova e urgentemente necessitado de doutrina cristã, privação que procurou colmatar com uma incisiva acção catequética apostando na conversão pela oratória e pela imagem. O espólio artístico remanescente da pastoral mecenática que deixou na passagem pela diocese egitaniense revela, aos olhos de hoje, um homem que assumiu por completo a personagem do “bom pastor” com um apostolado integralmente direccionado aos seus súbditos, durante o qual os envolveu no manto protector da Piedade, da Caridade e da Misericórdia, à imagem de Cristo.

AS LIVRARIAS DOS CONVENTOS DE MIRANDA E MIRANDELA: UM CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DAS LEITURAS DOS TRINITÁRIOS.

MARIA FERNANDA GUEDES DE CAMPOS

Doutora em Hist. [FCSH/NOVA]; Pós-Grad.em Cienc.Documentais [FL/UL]; Ex Sub-Dir.da BNP (1992-2006); inv. CHAM - FCSH/NOVA e Uac

Pouco antes da extinção das ordens religiosas e do encerramento dos conventos masculinos, em 1834, um parecer da Junta do Exame do Estado Actual e Melhoramento Temporal das Ordens Religiosas, refere no art.º 19º que os Trinitários tinham 9 conventos, 55 religiosos e, de rendas, 12783\$232 reis. A relação entre o número de casas e o da população mostra a decadência em que a Ordem se encontrava. A Junta faz várias propostas de fusão entre conventos, precisamente por muitos não terem suficientes membros para assegurar uma comunidade (tinham de 1 a 26 moradores) e pelo estado de endividamento em que se encontravam. Quanto aos Trinos Descalços que, desde 1718, tinham fundações em Miranda do Douro e Mirandela, perfaziam 18 religiosos, 7 em Miranda e 11 em Mirandela, com rendas no valor de 330\$400 reis. A Junta no art.º 28 é de parecer que se deviam manter porque tinham meios para tal, viviam “com quietação” e faziam falta numa zona carecida de instituições religiosas.

O objectivo desta comunicação é apresentar os resultados da investigação feita sobre os inventários de extinção das livrarias destes dois conventos, enquadrando-os no ciclo fundacional da Ordem da Santíssima Trindade em Portugal e, em especial, no movimento reformista que se estabelece, para o ramo masculino, no século XVIII. São instituições certamente muito menos conhecidas do que os conventos da Santíssima Trindade de Lisboa e de Santarém e tiveram colecções bibliográficas mais modestas. Porém, os livros que tinham, em 1834, são reveladores da importância que os Trinitários deram à leitura, enquanto apoio consciente e coerente à missão das suas instituições.

FACHADAS DE IGREJAS DA ORDEM DA SANTÍSSIMA TRINDADE NA PENÍNSULA IBÉRICA NA ÉPOCA MODERNA: CONSTANTES E DERIVAÇÕES

MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO

Doutora em Hist. (espec. em Arte, Património e Restauro),
pela FL/UL; Pós-doutoranda em Estudos Artísticos no
IHA – FCSH/NOVA

Após uma primeira fase de fixação da Ordem da Santíssima Trindade na Península Ibérica, vários foram os cenóbios que se ergueram na Época Moderna, afim de consolidar a imagem de uma instituição que teve como propósito a difusão do culto do Pai, Filho e Espírito Santo. Imbuídos do espírito pós-tridentino que proclamou uma mensagem evangelizadora através de uma arquitectura renovada, e do surgimento de novas devoções, os trinitários modelaram a imagem das suas casas, recorrendo a esquemas icónicos facilmente reconhecíveis pelos fiéis.

Dos cenóbios construídos ou reabilitados a partir da centúria de quinhentos no contexto ibérico, segundo ainda hoje se observa, ou como se pode aferir em diversas fontes manuscritas e impressas, sabemos que alguns deles recorreram a proporções idênticas nas fachadas dos seus templos, bem como a esquemas compositivos que hoje nos parecem saídos de uma mesma fonte - v.g. o caso do recurso a pórticos do convento de Valdepeñas (fundado em 1596) e do colégio de Alcalá de Henares (fundado em 1601).

Amiudadamente verifica-se também que os trinitários, na qualidade de promotores, tiraram partido da componente escultórica nas frontarias dessas igrejas, enquanto elementos identitários, mas também distintivos das demais ordens. Exaltando insígnias, como aconteceu com na igreja do colégio da Trindade de Coimbra (fundado em 1562), ou recorrendo especificamente à inclusão de grupos escultóricos ou a imagens de vulto perfeito em nichos (v.g. São João da Mata e São Félix de Valois), como sabemos ter sucedido no desaparecido convento da Trindade de Lisboa (fundado no séc. XIII, mas bastante modificado no séc. XVII), mas também no de Nuestra Señora de Gracia de Córdoba (fundado em 1607), no da Santísima Trinidad de Alcazar de San Juan em Sevilha (fundado em 1648), ou no convento de Santa Cruz de La Zarza de Toledo (fundado entre 1632 e 1678), entre outros, estes objectos assumem uma importância capital para o entendimento de modelos icásticos no contexto da arquitectura dos frades da Ordem da Santíssima Trindade e Redenção dos Captivos.

A análise destes conjuntos procura compreender a existência de elementos comuns, por ou de um programa transversal a algumas casas trinas, ou derivações, tendo sempre em consideração que muitos dos espécimes foram alvo de modificações operadas na sequência das acções de Juan Mendizábal (1790-1853) em Espanha, e da desamortização portuguesa, ou da incúria, mais recente, a que alguns destes edifícios foram votados.

O TESTEMUNHO PICTÓRICO NA IGREJA DA TRINDADE DA CIDADE DO PORTO. O BAPTISMO DE CRISTO NA OBRA DE JOSÉ DE BRITO

MARIA TERESA CABRITA FERNANDES CADETE

Mestre em Hist.Arte, pela FCH/NOVA; Doutora [Dep.Hist.Arte / Univ.de Santiago de Compostela]; Prof. de Artes e Hist.da Arte (P.Q.N.D) no Ens.Secundário.

Desde 1802 que a Ordem Terceira da Santíssima Trindade agendou um terreno para a construção da Igreja da Trindade do Porto. Inicialmente, o projecto do edifício foi entregue ao Arquitecto Carlos da Cruz Amarante. No prosseguimento dos trabalhos houve alteração do projecto feito pelo irmão da Ordem, o arquitecto João Francisco Guimarães; contudo, mais tarde foi substituído na direcção da construção pelo Professor de Arquitectura José Geraldo Sardinha.

A igreja foi aberta ao culto em 1841, sendo no entanto concluída em Junho de 1892.

Apresenta uma fachada de carácter clássico, com torre sineira central, onde sobressai a sua imponente construção de granito com grande quantidade de elementos decorativos, simbólicos e outros.

A multiplicidade de elementos não permite aqui a sua descrição exaustiva, tornando-se importante fornecer uma ideia da densidade deste contexto.

A localização deste monumento religioso é no coração da cidade, em frente à Câmara Municipal, achando-se cercado pelas principais artérias, Praça da Liberdade, Avenida dos Aliados. É considerada uma das mais relevantes igrejas da cidade e está integrada na Ordem hospitalar da Trindade.

Pretende-se demonstrar e ilustrar o que constitui talvez uma das principais motivação para uma visita à igreja. O seu interior apresenta uma decoração em talha dourada evidenciando as persistências do estilo barroco. Podemos referenciar a gramática própria nos cadeirais, púlpitos, retábulos e frisos.

Por fim o que nos propomos analisar é o “*Batismo de Cristo*” (6 x 4.10), pintura a óleo sobre tela, situada no ponto crucial do altar. A cena do Batismo segue os modelos usuais da iconografia cristã.

Os efeitos com que o autor elabora a sua pintura procuram conduzir quem a vê a uma visão celestial

Sentimos no quadro que a Arte subsiste para além do carácter iconográfico, mágico e decorativo. Estabelece uma concepção afectiva da contemplação.

Nas visitas que temos efectuado tomamos conhecimento da constante preocupação da Ordem Terceira na boa manutenção do seu património artístico.

LAS ÓRDENES REDENTORAS Y EL RESCATE DE CAUTIVOS ESPAÑOLES EN EL SIGLO XVIII

MAXIMILIANO BARRIO GOZALO

Prof.tit.de Hist.Mod. [Univ.Valladolid]; membro
corresp,da Real Academia de la Historia

La redención de cautivos es tan antigua como el cautiverio, aunque la forma de realizarla experimenta grandes cambios con el paso del tiempo. En España son las órdenes religiosas de la Merced y la Trinidad las que desarrollan esta función, pues la Orden Tercera de San Francisco y las obras pías que tienen por fin redimir cautivos entregan el dinero a estos religiosos para que lleven a cabo el rescate. En el siglo XVIII la mayor parte de las redenciones se dirigen a Argel. No estaba lejos de las costas españolas y era la ciudad corsaria con mayor número de cautivos y, en general, los vendía a un precio asequible. Marruecos estaba más cerca, pero exigía elevados precios y hacía más difícil su rescate. Túnez es la menos favorecida, sin duda, por la mayor distancia y la menor presencia de cautivos españoles.

Cuando la religión de la Merced o la Trinidad disponen de dinero suficiente y las circunstancias son propicias organizan una redención e inician las gestiones pertinentes para llevarla a cabo, que en líneas generales se reducen a obtener la autorización real, el salvoconducto de las autoridades norteafricanas y a tener listos los caudales. Después de analizar los medios de financiación de las redenciones, me detento en su estudio y, en concreto, en la negociación de los rescates, el número de redimidos, el coste de las redenciones (precio que se paga por el rescate de los cautivos y gastos anejos que origina la expedición redentora) y su conclusión con la celebración de la procesión general y la despedida de los redimidos.

Además de la liberación por rescate a cambio de dinero, también se utiliza el sistema de canje o intercambio de cautivos cristianos por esclavos musulmanes. Aunque el canje es menos frecuente que el rescate a dinero, a medida que avanza el siglo es cada vez más habitual y, por tanto, mayor el número de cautivos y esclavos que recobra la libertad por medio del canje particular o general. El particular consiste en el intercambio de uno o varios cautivos cristianos por esclavos moros o turcos; en cambio el general tiene lugar en las redenciones y en los momentos en que se negocia o firman tratados de paz. De esta forma, en las redenciones que se celebran en Argel en el primer tercio del siglo los canjes son algo simbólico, mientras que en las que se realizan entre 1750 y 1768 los cristianos liberados por canje representan el 40 por ciento de los redimidos.

El canje y el rescate son dos vías contractuales a través de las cuales los cautivos cristianos pueden recuperar la libertad. Pero algunos no se resignan a esperar e intentan conquistarla a través de la fuga. Tentativa difícil y arriesgada, que si no tiene éxito termina con duros castigos e incluso la muerte. El cuadro de las posibles vías para obtener la libertad se completa con la liberación graciosa que algunos dueños hacen a la hora de la muerte y la liberación por regalo de un soberano a otro.

LE REDENZIONI MERCEDARIE IN NORD AFRICA ATTRAVERSO I LIBRI DI CONTO. FINANZIAMENTO ED EVOLUZIONE DELLE PROCEDURE DI RISCATTO SUL LUNGO PERIODO (1575-1723)

MICHELE BOSCO

Lic. com uma tese sobre o resgate dos cristãos cativos no Norte de África na Idade Moderna. [Univ.degli studi di Palermo]; Doutorando em Hist. Mod. em co-tutela das Univ.de Florença e da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris.

Fino a tempi piuttosto recenti, la storia di molti degli Ordini religiosi fondati in Europa a partire dal Basso Medioevo era stata studiata e ricostruita in via quasi esclusiva - seppur con alcune ben note eccezioni - da studiosi appartenenti a quegli stessi Ordini, storici o teologi che fossero. È solo in tempi recenti (a partire, diciamo, dalla fine degli anni settanta del Novecento, con l'avvento e l'affermazione prima della storia sociale e, poi, dei cosiddetti "cultural studies") che anche storici laici hanno iniziato a prendere in mano le carte prodotte e conservate da frati, missionari, monaci e religiosi regolari di qualunque Ordine e votati alle più diverse opere di carità ed assistenza. Una tale limitazione, che aveva caratterizzato il panorama storiografico anteriormente agli ultimi decenni, ha riguardato anche gli studi sugli Ordini religiosi cosiddetti "redentori", ovvero quegli Ordini che erano stati fondati espressamente con lo scopo di riscattare prigionieri cristiani in mano ai musulmani: su tutti, come è noto, Mercedari e Trinitari, i quali - sebbene non fossero gli unici ad occuparsene, come vedremo - giunsero a detenere proprio nel mondo iberico-portoghese quasi il "monopolio" della redenzione dei cristiani schiavi in terra ottomana (i Mercedari, in particolare, diressero le loro missioni di redenzione principalmente in Barberia, mentre i Trinitari si diressero più spesso anche ad Istanbul e nel Levante).

Dunque, come dicevamo, solo in tempi recenti gli Ordini redentori sono divenuti oggetto di dibattito storiografico, giacché fino a pochi decenni fa, di essi si erano occupati esclusivamente storici (quando non dichiarati apologeti) appartenenti agli Ordini stessi⁶, oppure essi erano stati l'oggetto di romanzi e di una letteratura più o meno fantasiosa⁷. In particolare, riguardo l'opera dei Trinitari, fino a una quindicina d'anni fa il riferimento pressoché unico fu costituito dall'opera di Deslandres⁸, prima

⁶ Poco attendibili, infatti - poiché scarsamente documentate -, risultano opere di fine Ottocento come quella del mercedario José Antonio Garí, *La Orden Redentora de la Merced, ó sea Historia de las Redenciones de Cautivos Cristianos, con el catálogo de los Mártires de la misma Orden* [...], Barcellona, 1873.

⁷ Si pensi, ad esempio, al celebre *Le génie du Christianisme* dello scrittore francese Chateaubriand (1802).

⁸ Paul Deslandres, *L'Ordre des Trinitaires pour le rachat des captifs*, 2 voll., Toulouse-Paris, 1903.

che una ordinata e puntuale raccolta della documentazione, edita e inedita, relativa alla secolare attività di riscatto dell'Ordine fosse messa a punto dallo spagnolo Porres Alonso (anch'egli, tuttavia, padre trinitario)⁹. Suo principale merito è stato quello di aver elencato accuratamente i vari Cataloghi di redenzione, ossia quegli elenchi di riscattati contenenti i nomi, età, luogo di nascita del captivo liberato, durata della schiavitù e prezzo del riscatto, che venivano stilati dai frati degli Ordini redentori al termine di ogni redenzione. Anche riguardo i Mercedari, la storiografia relativa alla loro attività redentrice è rimasta piuttosto scarsa fino a tempi recentissimi: le uniche informazioni al riguardo erano quelle contenute nelle storie generali dell'Ordine, da quelle più antiche, come quella di Vázquez Nuñez¹⁰, a quelle più recenti, come L'Ordine di Santa Maria della Mercede (1997). Negli ultimi anni, invece, grazie soprattutto all'attività editoriale della rivista *Analecta mercedaria*, gli studi sulle redenzioni operate dall'Ordine della Mercede si sono moltiplicati (per lo più in Spagna) e hanno aperto nuovi spunti alla ricerca.¹¹

L'intervento che qui proponiamo volge l'attenzione all'Ordine di Nostra Signora della Mercede e si incentra, nello specifico, sull'analisi di una delle fonti indubbiamente più rilevanti e, insieme, più preziose per la ricostruzione dell'attività redentrice dell'Ordine, ovvero i «libri di conto» delle redenzioni stesse (documenti manoscritti, da non confondersi con i «cataloghi di redenzione», generalmente a stampa, compilati sempre al termine della redenzione e ad opera degli stessi religiosi, su cui venivano annotati nomi, cognomi, età, provenienza, prezzo e tempo di schiavitù di ciascuno dei captivi riscattati). Nei libri di conto, invece, e stavolta per mano di un notaio regio, venivano registrate giornalmente, sia durante la lunga fase dei preparativi sia, poi, nel corso della redenzione vera e propria, tutti i passaggi di denaro (tanto ricevuto, quanto speso), tutte le elemosine ricevute dai frati, così come tutte le somme date da parenti e familiari dei captivi e le indicazioni circa i riscatti da farsi e, più in generale, qualunque transazione ed ogni minimo dettaglio attinente alla contabilità della missione, per tenere sotto controllo le spese fatte dai frati ed assicurarsi che i riscatti che essi portavano a termine fossero conformi alle istruzioni ricevute dai *consejos* della Corona spagnola.

Di tali libri di conto l'intervento proposto ne prende in esame quattro, distribuiti su un arco cronologico piuttosto ampio (un secolo e mezzo, ovvero dal 1575, anno della prima redenzione mercedaria per cui si dispone del libro di conto, fino al 1723, anno in cui fu inviata ad Algeri una redenzione che è molto ben descritta e per cui si dispone, sia

⁹ Bonifacio Porres Alonso, *Libertad a los cautivos. Actividad redentora de la Orden Trinitaria*, vol. I (Redenciones de cautivos, 1198-1785), Cordoba-Salamanca 1997; voll. II (Diplomas reales de Castilla) e III (Diplomas reales de Aragón. Bulas y Documentos varios), Cordoba-Salamanca, 1998.

¹⁰ Guillermo Vázquez Nuñez, *Manual de Historia de la Orden de Nuestra Señora de la Merced (1218-1935)*, 2 voll., Toledo-Madrid, 1931-1936.

¹¹ Citiamo, ad esempio, i contributi di Enrique Mora Gonzalez, *Memorias del cautiverio de José Tamayo, S.I.*, (Salamanca, Biblioteca Universitaria, ms. 481). Edición y estudio, in «*Analecta Mercedaria*», 28 (2009), pp. 99-186; Juan Devesa Blanco, *Catálogo, Relaciones y Memorias de redenciones de cautivos*, in «*Analecta Mercedaria*», 18 (1999), pp. 145-195; Antonio Rubino, *La redenzione degli schiavi in Italia*, in «*Analecta Mercedaria*», 18 (1999), pp. 7-73. È, invece, tuttora in corso la realizzazione di una grande Opera omnia delle redenzioni dell'Ordine della Mercede, un progetto ambizioso voluto dal direttore dell'Istituto Storico dell'Ordine della Mercede, il prof. Stefano Defraia, e che promette di diventare riferimento indiscusso ed obbligato per qualunque altra ricerca sull'argomento: al momento, sono stati pubblicati solo i volumi delle prime due sezioni, dedicate a *Subsidia et Instrumenta* ed *Editiones criticae* (suddivise a loro volta in più volumi).

del libro di conto, sia di una relazione, scritta posteriormente da uno dei redentori che vi presero parte). Dall'ultima di queste redenzioni, in particolare, si evince che, malgrado gli oltre quattrocento captivi riportati a casa, tale missione fu percepita come un fallimento, per via dell'incapacità dei redentori di imporre la propria volontà al bey algerino e di fare valere le proprie ragioni di fronte all'«insaziabile avarizia» di quei «barbari». Proprio tale vicenda, dunque, finì per evidenziare una serie di limiti e di «punti deboli» nel meccanismo delle redenzioni mercedarie, tanto che nei decenni successivi (in particolare dagli anni trenta agli anni sessanta del secolo XVIII) si tentò di mettere mano a tale processo, proponendo riforme ed aggiustamenti nelle procedure del riscatto condotte fino a quel momento. Ma l'epoca delle redenzioni di captivi nel Mediterraneo era entrata, allora, già nella sua fase discendente, sebbene non conclusiva: il Siglo de Oro della guerra di corsa barbaresca era ormai da tempo alle spalle e con esso anche l'attenzione delle monarchie europee al riguardo. Le richieste avanzate dai religiosi, allora, furono destinate ad avere scarsa attuazione, mentre l'evoluzione nelle istruzioni date loro dal governo (apprezzabile proprio perché colta su un arco cronologico così ampio) permettono di proporre una riflessione sulla progressiva affermazione di politiche di assistenza sempre meno «ecumeniche» (anche da parte della «Cattolicissima Spagna») e sempre più marcatamente nazionali e laiche.

OS MAMPOSTEIROS DOS CATIVOS NA REGIÃO DE MONSALUDE

MIGUEL PORTELA

Eng.Civil, Invest.Historia

A vida e obra do Venerável Fr. Inácio de Jesus nascido em Alvaiázere por volta de 1538, permanece nos dias de hoje no esquecimento da maior parte dos historiadores e investigadores da história religiosa da Ordem da Santíssima Trindade.

Neste contexto, procuraremos elucidar o leitor sobre alguns passos mais importantes da ação deste homem no período quinhentista, cujas notícias nos revelam que terá resgatado mais de 7 500 cativos. Foram-lhe atribuídos alguns milagres, tendo sido principiado no século XVII o processo para a sua beatificação, sem nunca ter sido terminado.

Enunciaremos ainda, os elementos documentais inéditos que nos permitem elencar alguns mamposteiros dos cativos que exerceram a sua ação na região de Monsalude, onde pediam e tiravam “*esmolas para os cativos todos os Domingos e dias Santos e em quinta-feira de endoenças*”, pelas “*eiras e lagares de vinho e de azeite e no tempo das castanhas*”, entre outros lugares desta região.

BISPOS MERCEDÁRIOS NO VICE-REINO DE NÁPOLES: FIGURAS EXEMPLARES DO SÉCULO DE OURO

PAOLA NESTOLA

Lic.em Conserv.dos Bens Culturais [Univ. di Lecce-Salento]; Doutora em Hist.Mod. [Univ. del Salento], Doutoramento Europeu em Hist.Mod. «Social History of Europe and the Mediterranean» [Univ. Ca' Foscari di Venezia], desenv.na Univ. Pablo de Olavide, Sevilla; CHSC / Univ.Coimbra

A proposta de comunicação tem como objectivo desenhar a distribuição dos prelados mercedários escolhidos para governar algumas das 25 sedes episcopais régias do vice reino de Nápoles durante o século XVII, pretendendo focar-se sobre tudo no período de maior concentração dessa presença nesses centros do *Mezzogiorno* da Península Italiana. Ao contrário do que aconteceu pelas dioceses de Portugal e do seu Império, os Habsburgo escolheram prelados recrutados na antiga ordem fundada por São Pedro de Nolasco para as cidades episcopais régias da península napolitana. A intervenção visa, por um lado, fixar a configuração desses bispos-teólogos entre hierarquias eclesiásticas fortemente abertas ao episcopado ibero-napolitano. Por outro, pretende saber quem foram, em qual ambiente geográfico, social e universitário formaram-se os prelados que viajaram pelo mar Mediterrâneo para ocupar as cátedras episcopais desse estratégico espaço peninsular da Monarquia dos Habsburgo. A análise da documentação encontrada no Archivio Segreto Vaticano, no Archivio Histórico Nacional de Madrid e outras instituições permitirá aprofundar particularmente: as origens geográficas, as redes sociais, o *cursus honorum*, a deslocação desse reduzido número de prelados, celebrados também em importantes ciclos pictóricos do Século de Ouro.

O CICLO DA ÁGUA NO CONVENTO DA SANTÍSSIMA TRINDADE. ANÁLISE AO SISTEMA HIDRÁULICO SUPERIOR

PATRÍCIA ALHO

Lic Hist [ULus]; Mestre em Arte, Patr.e Restauo [FL/UL]; Bolseira Doutoramento [FCT]; ARTIS – Inst.de História de Arte - FL/UL

Na presente comunicação desejamos compreender o sistema hidráulico do Convento da Santíssima Trindade, para tal, estudámos as circunstâncias históricas da sua fundação, as influências estilísticas, as campanhas de obras, de conservação e restauro e as várias funções e adaptações que o edifício foi tendo ao longo dos séculos, desde a sua fundação até aos dias de hoje.

Desde sempre que uma das primordiais preocupações do arquitecto ao conceber o edifício foi conduzir as águas pluviais para o exterior da zona coberta. Assim, ao longo do tempo foi ensaiando soluções, que durante a Idade Média e Moderna em Portugal, assumiram várias tipologias, envolvendo as coberturas, as caleiras de escoamento, as gárgulas e a continuação do sistema através de contrafortes escalonados e daí directamente para o solo, onde existe igualmente todo um conjunto de canalizações que contribuem para o afastamento das águas da estrutura muraria do edifício.

O sistema hidráulico é um subsistema arquitectónico, que pode ser compreendido atendendo ao seu duplo desenvolvimento: um primeiro que se refere à água potável, ao nível do solo, e outro às águas pluviais. Existe uma articulação entre estes dois subsistemas, condicionando a organização arquitectónica do convento.

ENTRE A LEGITIMAÇÃO DA “SANTIDADE” E A REVISITAÇÃO DO PASSADO GLORIOSO: A ESCRITA DE “VIDAS” DE RELIGIOSOS TRINITÁRIOS E MERCEDÁRIOS NA PENÍNSULA IBÉRICA NOS SÉCULOS XVI-XVIII

PAULA ALMEIDA MENDES

Mestre em Cult.Ibéricas – Época Moderna [FL/UP], Doutora [FL/UP]; Bols.de Pós-doutoramento [FCT]; CITCEM-FL/UP

Ainda que o resgate de cativos tenha sido o propósito fundamental que conduziu à sua fundação, a Ordem da Santíssima Trindade e a Ordem de Nossa Senhora das Mercês desempenharam um papel importantíssimo na moldura da propagação da fé cristã e das práticas espirituais e devotas dos séculos XVI, XVII e XVIII. A sua acção, que, como referimos, se fez sentir em múltiplos domínios, poderá ser claramente testemunhada através da escrita das «Vidas» de alguns dos seus membros, que se distinguiram não apenas pelo rigor das suas práticas espirituais e ascéticas, como também pelo facto de terem falecido «em odor de santidade» – entre os portugueses, lembremos, a título de exemplo, a Fama posthuma do V. P. Fr. Antonio da Conceição Trinitario (1658), de Fr. António Correia (O.SS.T.), as Memórias da vida e virtudes da Madre Soror Anna de S. Joaquim (1740), de Domingos Dias Seixas, e a Vida admirable del Sieruo de Dios Fr. Antonio de S. Pedro religioso professo de los Descalsos de nuestra Señora de la Merced nacido en el Reyno de Portugal (1670), de Fr. João de São Dâmaso (O. Merc. Desc.), mas também das crónicas religiosas, de que são claro

exemplo os dois tomos da *Historia chronologica da esclarecida Ordem da Sanctissima Trindade e Redempção de Captivos*, da provincia de Portugal (Lisboa, 1789 e 1794), de Fr. Jerónimo de São José (O.SS.T.). Mas valerá a pena recordar que, em Portugal, foram impressas e circularam «Vidas» de trinitários estrangeiros, de que são exemplo o *Compendio histórico da vida e milagres do beato e extatico P. Miguel dos Sanctos (...)* e resumo das actas da sua beatificação (1750), de Fr. Manuel de São José (O.SS.T.), a *Summaria relação da vida e morte do grande servo de Deos o Reverendíssimo P. Mestre Fr. Simão de Rojas (...)* e das vidas dos Bemaventurados Padres Fr. Bernardo de Mouray, Mestre na Sagrada Theologia, Fr. João de Aguila, Fr. João de Palácios, redemptores de cativos, que padecerão em Argel (1625), de Fr. Bernardino de Santo António (O.SS.T.), mas também de mercedários, como a tradução, de Fr. Manuel de Coimbra, do *Astro vespertino de S. Lucar. Thereza de Jesus, menina que vestio o habito das descalças de Nossa Senhora da Mercê* (1689).

Como é sabido, esta moldura não pode ser dissociada da estratégia de investimento na promoção, por parte das várias ordens religiosas, dos respectivos «santos», que, nomeadamente, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, foi, cada vez mais, fundamentando o prestígio das várias ordens e congregações religiosas: e esta foi, efectivamente, uma dimensão que as «Vidas» devotas e as crónicas monásticas e religiosas, visando a valorização e a legitimação de cada instituto, não deixaram de realçar e alimentar, a que não foi também alheio um desejo de revisitação nostálgica do seu passado glorioso.

Por outro lado, esta significativa produção editorial de «Vidas» devotas, cujos propósitos imediatos de glorificação da personagem em questão, de edificação espiritual e de promoção do seu culto - e, em muitos casos, de estímulo à sua beatificação ou canonização - , não pode deixar de ser compreendida no âmbito da ofensiva contrarreformista, que visava a orientação e a reconfiguração de comportamentos, na moldura de uma estratégia de disciplinamento social, como também no quadro da reorganização e redefinição do culto dos santos, na sequência dos decretos de Urbano VIII, de 13 de Março de 1625, reafirmados em 5 de Julho de 1634.

Deste modo, esta literatura de pendor hagiográfico, de função «normativa» e «paradigmática», pretendia responder a uma estratégia contrarreformista de afirmação e divulgação doutrinal maciça que procurava condicionar o gosto do público – muito especialmente o feminino – pelas narrativas profanas e ficcionais, disponibilizando uma espécie de literatura «alternativa» – mas que reflectia também a codificação de modelos que incorporou o processo de redefinição da santidade elaborado pela Igreja pós-tridentina, assim como o desejo dos autores portugueses em se sintonizarem com os seus congéneres católicos europeus, que vinham investindo na divulgação das «Vidas» dos seus «santos», que, deste modo, contribuiriam para a construção de uma «santidade territorial», para utilizarmos a expressão de Henrik Froz, que completaria a história política e institucional do reino português: com efeito, este quadro poderá ser comprovado pela produção do monumental *Agiologio Lusitano* (1652, 1657 e 1666), cujos três primeiros volumes foram da responsabilidade de Jorge Cardoso, que compilou várias breves «notícias» de religiosos trinitários e mercedários.

Tendo em conta esta moldura, procuraremos, com esta comunicação, «iluminar alguns destes caminhos», centrando a nossa atenção na análise das «Vidas», de

contornos hagiográficos, de alguns religiosos trinitários e mercedários, assim como das crónicas das respectivas ordens.

LOS TRINITARIOS ESPAÑOLES EN PRAGA, S. XVIII

PAVEL ŠTĚPÁNEK

Prof.Cat.emérito (activo) no Dep.de Hist.de Arte [Univ.Palacký em Olomouc]; Prof. convid. na Univ.Carolina de Praga. Ex-professor da U.N.A.M. [México]; Univ.de Saragoça (Espanha) e na Univ.Cat. Andrés Bello em Caracas, Venezuela. Diplomata 1991-1994. Bols.da Fund.Gulbenkian em 1999-2000 e 2014.

La iglesia de Santísima Trinidad en la Calle Spálená de la Ciudad Nueva de Praga (República Checa), terminada en 1717, y sometida a una larga reconstrucción e investigación en los últimos decenios, refleja el secreto trinitario en el número de las naves, de las cúpulas y otros detalles. Los trinitarios, organizaban la compra de cautivos de la posesión musulmana, en este caso turca; para tal propósito viajaban hasta Hungría, en aquella época aún de frontera común con los turcos. Además, del conjunto nos interesará especialmente la escultura de Cristo que está, hasta hoy, colocada junto al pilar al lado del retablo mayor. Su tipo es excepcional en toda Bohemia, lo que se explica por el hecho de que se trata de una copia (del s. XVIII) del famoso Cristo de Medinaceli, de Madrid, donde se venera en la iglesia del mismo nombre. La trajeron a Praga os trinitarios españoles reformados, llamados „españoles blancos“, por sus blanquísimos hábitos Professor (Catedrático, emérito, ativo) no Departamento da História de Arte na Universidade Palacký em Olomouc e prof. convidado na Universidade Carolina de Praga. Em 1981 professor da U.N.A.M., de México; Universidade de Saragoça (Espanha, 1990) e na Universidade Católica Andrés Bello (UCAB) em Caracas, Venezuela (1993-1994). Diplomático 1991-1994. Bolseiro da Fundação Gulbenkian de 1999 a 2000 e novamente, em 2014.decorados apenas con una cruz rojiazul en el escapulario. Esta orden (*ordo sanctissimae trinitatis de redemptione captivorum*, brevemente *trinitariorum discalceatorum*), fue una congregación fundada en 1596 por un español llamado Juan Bautista de la Concepción, por lo cual desde aquel momento, podemos hablar, con justa razón, de una orden española. Fue seguido por Juan de Cruz, nacido cerca de Toledo, y continuó dirigir las actividades otro español, Bartolomé de Jesús, profesor de teología. El punto de partida para Bohemia fue el convento de los españoles blancos de Viena. Su importancia comenzó a descender a partir del momento en que la Turquía musulmana comenzó a retirarse de Europa, y tuvo que aparecer ciertas reglas de convivencia, y no podía convertir a los prisioneros en esclavos como en la época anterior. Los trinitarios

fueron abolidos, con otras órdenes, consieradas no útiles por el Emperador José II en 1783, pero los apenas ochenta años de su actividad en Praga fueron suficientes para construir una iglesia que pertenece a las joyas del barroco checo, y además, se les dedicó una escultura en el puente Carlos.

DO PENSAMENTO POLÍTICO-JURÍDICO DO MERCEDÁRIO FREI SERAFIM DE FREITAS

PEDRO VELEZ

Doutor [FD/NOVA]; Prof. FD/NOVA e UCP

Na exposição que apresentaremos iremos visitar o pensamento jurídico-político do conhecido antagonista de Hugo Grotius e do seu *De Mare Liberum*.

De uma perspectiva política-jurídica comparada, procuraremos, designadamente, abordar a temática da “diferencialidade”, no seu tempo, das ideias juspolíticas do mercedário.

A DEMOLIÇÃO DO CONVENTO DA TRINDADE: FACTOS E QUESTÕES EM ABERTO [CONFERÊNCIA]

RAQUEL HENRIQUES DA SILVA

Doutora; Prof. Hist.da Arte FCSH/NOVA

A demolição do convento da Trindade está amplamente dicumentada e estudada. Na minha comunicação, abordarei estes factos e deter-me-ei em muitas questões relevantes que se mantêm abertas e que configuram desafios ao futuro.

EL CONVENTO DE NUESTRA SEÑORA DE LA MERCED DE AREQUIPA: RELEVANCIA URBANÍSTICA Y FASES CONSTRUCTIVAS

RENATO ALONSO AMPUERO RODRIGUEZ

Arq. [Univ. San Antonio Abad del Cusco]; Mestre em Arq.Avançada, Paisagem, Urbanismo e Desenho [Univ. Polit. de Valencia]; Doutorando [Fac.Arq./UM]; ELARCH; CICOP

El objetivo de la presente comunicación es realizar un acercamiento al patrimonio arquitectónico que la Orden de los mercedarios posee en la ciudad de Arequipa – Perú y la importancia que tiene éste para la historia y la cultura de la ciudad y del país.

Así, dentro de su relevancia para la historia de la ciudad, hay que decir que la Orden mercedaria es una de las primeras en instalarse en esta urbe de nueva fundación ubicada al sur de Perú. Dicha villa, fundada en 1540 bajo el nombre de Villa Hermosa por Garcí Manuel de Carbajal recibirá, según el historiador Alejandro Málaga, la llegada de los mismos en 1551, año en el que Fray Pedro Montañés presenta una Provisión del Superior Gobierno para poder fundar una iglesia y convento. La ubicación de estos constituirá un capítulo en la configuración urbanística y espacial de la ciudad, aspectos que se tratará en la comunicación.

En cuanto a la vertiente arquitectónica y patrimonial, la comunicación destacará la significancia del gran aporte a nivel cultural y arquitectónico de la Orden, resaltando la presencia del templo y del convento pues se trata de uno de los mejores ejemplos de patrimonio arquitectónico de la ciudad, resistente a la multitud de terremotos que lo han asolado a lo largo de su historia, el cual tiene su origen en el templo proyectado por el alarife Bernardino de Ávila y en el que se aúnan ejemplos de varios estilos como son el mudéjar y el renacentista, pero sobre todo, el barroco, siendo en la actualidad una de las joyas del llamado Barroco Arequipeño o Barroco Andino.

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DAS CASAS RELIGIOSAS MERCEDÁRIAS EM LISBOA

TIAGO BORGES LOURENÇO

Lic.e Mestre em Hist.Arte [FCSH/NOVA],
IHA- FCSH/NOVA

A Ordem da Virgem Maria da Mercê da Redenção dos Cativos de Santa Eulália de Barcelona foi fundada em 1218 por Pedro Nolasco. Numa primeira fase, os mercedários chegam a Portugal em 1282, inseridos na embaixada que acompanhou a vinda de Isabel de Aragão para o seu casamento com D. Dinis. A partir daí, e durante os cinco séculos seguintes, a história e presença da ordem em Portugal foi fortemente atribulada, sendo disso reflexo a sucessiva fundação de casas religiosas em Lisboa até meados do século XVIII.

Depois de um abandono inicial do país no século XV ou princípios de XVI (as fontes de época diferem nesta questão), a partir do final de quinhentos os mercedários procuram regressar a Lisboa. Apesar de lhes ser sucessivamente negada a autorização para a fundação de um cenóbio, ao longo do meio século seguinte instalam-se em diferentes locais da cidade, de entre os quais se destaca a Ermida de Nossa Senhora da Glória, onde permaneceram durante um período de três anos. Uma vez mais, são impedidos de aí se acomodar e instados a abandonar o país, tendo para este desfecho muito contribuído o conflito com a ordem trinitária, devido à questão da redenção dos cativos a que ambas se ocupavam, apesar de, segundo o contrato régio assinado em 1561, “*lhes pertenc[er] a elles [trinitários]*”.

Com a sua entrada no Brasil em 1639 e subsequente implantação no Pará e no Maranhão, tornou-se particularmente premente a fundação de uma casa religiosa mercedária em Lisboa que simultaneamente servisse de ponto de passagem de religiosos em trânsito para o Brasil e afirmasse a sua presença na capital do império. No entanto, e à semelhança das tentativas anteriores, a forte oposição que os mercedários encontraram impediu que o conseguissem antes de 1682, ano em que finalmente obtêm do príncipe regente D. Pedro II alvará régio permitindo-lhes a fundação de um hospício, ainda que constringido por apertadas regras. Em 1747 mudam uma derradeira vez de localização, construindo para o efeito um novo hospício na Rua do Passadiço (a Santa Marta), casa onde se mantêm até ao início do século XIX.

Mais do que procurar traçar a história da presença, relações e vivências da ordem mercedária em Portugal, a presente apresentação intenta contextualizar a sua existência no país no âmbito das ordens religiosas estrangeiras e, principalmente, contribuir para o entendimento do dinâmico processo da (demanda pela) sua implantação em Lisboa, através do mapeamento das suas casas religiosas e compreensão do seu percurso na cidade.

ÍNDICE

COMISSÃO ORGANIZADORA E CONSELHO CIENTÍFICO

COMUNICAÇÕES E CONFERÊNCIAS

ANA CRISTINA GIL, *O Convento da Santíssima Trindade de Lisboa. Reconstruções digitais: Pré-Terramoto, extinção (1834) e actualidade (2015)*

FR.ANTÓNIO-JOSÉ DE ALMEIDA, OP, *Os Livros dos Trinitários impressos em Portugal no século XVI e a sua iconografia*

ANTÓNIO MANUEL CLEMENTE LÁZARO, *José Lopes Ferreira da Rocha e as suas memórias do cativo de Argel*

AUGUSTO MOUTINHO BORGES, *D. António Mascarenhas, Comissário da Bula da Cruzada e a Libertação dos Cativos, século XVII*

CARLOS CAMPINO FILIPE, *Confraria da Santíssima Trindade de Vila Viçosa: Notas para a sua História!*

CARLOS PRADA DE OLIVEIRA, *A descalcez trinitária na diocese de Bragança-Miranda*

CARLOS WATZKA, *The Spanish Discalced Branch of the Trinitarian Order as an extension of the Luso-Hispanic world into the Austro-Hapsburg monarchy*

CLÁUDIA SILVEIRA, *A Quinta da Trindade no Seixal no contexto dos legados dos almirantes de Portugal ao mosteiro da Santíssima Trindade de Lisboa*

EDITE ALBERTO, *Os Relatos de Viagem dos Padres Trinitários como fonte para o conhecimento do Norte de África (século XVIII)*

FERNANDA MARIA GUEDES DE CAMPOS, *As livrarias dos conventos de Miranda e Mirandela: um contributo para o conhecimento das leituras dos trinitários*

FERNANDO LARCHER, *O último resgate geral de cativos ordenado por D.Filipe II de Portugal em Argel (1621)*

FERNANDO AFONSO ANDRADE LEMOS, CARLOS REVEZ INÁCIO, FERNANDA CABRITA, GUILHERME PEREIRA E JOSÉ ANTÓNIO SILVA, *Convento da Trindade - o Dia Seguinte. A Simbólica dos Azulejos da Cervejaria da Trindade e da Fachada da Casa de Manuel Garcia*

GIULIO CIPOLLONE, *L'«Ordo Sanctae Trinitatis et Captivorum» (1198). Una manifestazione della politica internazionale del papato. Il fatto umanitario come alternativa al servizio militare di crociate e ġihād* [CONFERÊNCIA]

JOÃO ABEL DA FONSECA, *O trinitário D. Frei Sebastião de Meneses, arcebispo de Cartago e patriarca de África – um diplomata ao serviço de D. João I*

JOÃO MIGUEL FERREIRA ANTUNES SIMÕES, *André Gonçalves e os ciclos pictóricos do Convento das Trinas do Mocambo, em Lisboa*

JORGE AFONSO, *O resgate geral de cativos de 1778 na regência de Argel. Uma leitura desta redenção à luz da conjuntura magrebina do final de setecentos*

JOSÉ A. RAMÍREZ NUÑO, *A Provincia Misionera de Ntra. Señora del Remedio, da Orden de la Santísima Trinidad y de los Cautivos. Mi Viaje a Madagascar*

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES DA SILVA TAVIM, *Resgatando em Marrocos no século xvi: jesuítas, trinitários e judeus*

JOSÉ HERNÁNDEZ SÁNCHEZ, O.S.S.T., *El estado actual de la Orden Trinitária en el mundo*

JUAN ARANDA DONCEL, *Órdenes redentoras y predicadores en la Córdoba del siglo XVII: La labor pastoral de los Trinitarios Calzados*

LIDICE MEYER PINTO RIBEIRO, *Trinitários e mercedários nas lutas abolicionistas do Brasil Colonial*

LUÍS FILIPE MARQUES DE SOUSA, *Primórdios da presença dos missionários mercedários no Pará e as posições do P.e António Vieira, S.J., sobre os Índios*

MARIA DO CARMO RAMINHAS MENDES, *D. Frei Luís da Silva, bispo da Guarda: um mecenato trinitário à imagem da Caritas Christi*

MARIA FERNANDA ABREU, *Miguel de Cervantes e os Trinitários que o resgataram. In Laudem*

MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO, *Fachadas de igrejas da Ordem da Santíssima Trindade na Península Ibérica na Época Moderna: constantes e derivações*

MARIA TERESA CABRITA FERNANDES CADETE, *O testemunho pictórico na Igreja da Trindade da cidade do Porto". O Baptismo de Cristo na obra de José de Brito*

MAXIMILIANO BARRIO GOZALO, *Las Órdenes redentoras y el rescate de cautivos españoles en el siglo XVIII*

MICHELE BOSCO, *Le Redenzioni mercedarie in Nord Africa attraverso i Libri di Conto. Finanziamento ed evoluzione delle procedure di riscatto sul lungo periodo (1575-1723)*

MIGUEL ÂNGELO PORTELA DA SILVA CAETANO, *Os Mamposteiros dos cativos na região de Monsalude*

PATRÍCIA ALHO, *O ciclo da água no Convento da Santíssima Trindade. Análise ao sistema hidráulico superior*

PAOLA NESTOLA, *Bispos mercedários no Vice-Reino de Nápoles: Figuras exemplares do Século de Ouro*

PAULA ALMEIDA MENDES, *Entre a legitimação da "Santidade" e a revisitação do passado glorioso: a escrita de "Vidas" de religiosos trinitários e mercedários na Península Ibérica nos séculos XVI-XVIII*

PAVEL ŠTĚPÁNEK, *Los trinitarios espanoles en Praga, s. XVIII*

PEDRO VELEZ, *Do pensamento político-jurídico do mercedário Frei Serafim de Freitas*

RAQUEL HENRIQUES DA SILVA, *A demolição do Convento da Trindade: factos e questões em aberto* [CONFERÊNCIA]

RENATO ALONSO AMPUERO RODRIGUEZ, *El convento de Nuestra Señora de La Merced de Arequipa: relevancia urbanística y fases constructivas*

TIAGO BORGES LOURENÇO, *Contributos para o estudo das casa mercedárias de Lisboa*

Siglas de Instituições Académicas

AM – Academia da Marinha
APH – Academia Portuguesa da História
BNP – Biblioteca Nacional de Portugal
CECHAP – Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Património
CEHR / UCP – Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa
CETRAD / Univ. Trás-os-Montes e Alto-Douro
CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística
CHAM – FCSH/NOVA e Uac – Centro de História de Aquém e de Além Mar / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores
CIDEUS / UE - Centro Interdisciplinar de História Cultura e Sociedades da Universidade de Évora
CIEBA/UL - Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes da Universidade de Lisboa
CITAR – Research Center for Science and Technology on Arts
CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
CLEOP – Centre Internacional de Conservacion del Patrimonio / Perú
CLEPUL – Centro de Investigação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
DPC/CML – Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa
ELARCH – Euro-Latin American partnership in natural Risk mitigation and protection of the Cultural Heritage
FBA – Faculdade de Belas Artes
FC/UL – Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
FCSH / NOVA – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
FD /NOVA – Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa
FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
HISALEM – Historia Social de la Administración Local en la Época Moderna, Grupo de Investigación da Universidade de Córdoba
IEM – Instituto de Estudos Medievais, FCSH / UNL
IHA – Instituto de História de Arte, FCSH / UNL
IHM – FCSH/NOVA – Instituto de História Medieval
IPP – Instituto Politécnico do Porto
IPT – Instituto Politécnico de Tomar
NOVA – Universidade Nova de Lisboa
SGL – Sociedade de Geografia de Lisboa
Uac – Universidade dos Açores
UAL – Universidade Autónoma de Lisboa Luís Vaz de Camões
UBI – Universidade da Beira Interior
UCP – Universidade Católica Portuguesa
UE – Universidade de Évora
UM - Universidade do Minho

